

GISELA KODJA

Bordadeiras do Morro São Bento:
memória, trabalho e identidade

Dissertação apresentada à Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo para
obtenção do título de Mestre em
Gerontologia.

SÃO PAULO

2004

GISELA KODJA

Bordadeiras do Morro São Bento:
memória, trabalho e identidade

Dissertação apresentada à Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo para
obtenção do título de Mestre em
Gerontologia.

Orientadora: Profa. Dra. ÚRSULA
MARGARIDA KARSCH

SÃO PAULO
2004

DEDICATÓRIA

Aos meus pais e irmãos, pelo que sempre fomos uns para os outros.

Aos meus filhos queridos, Giulia e Bruno, pelos olhares e sorrisos.

Ao meu amor, Sérgio, por todo o seu amor.

AGRADECIMENTOS

À turminha do meu coração porque compreendeu e não pressionou.

À Dra. Úrsula Margarida Karsch porque confiou e não falhou, nunca.

Aos alunos, professores e funcionários da Gerontologia da PUC, por compartilharmos os melhores e os piores momentos dessa trajetória.

Aos meus amigos porque me querem tão bem.

À Clélia Garcia, amiga/irmã, porque ajudou muito e isso foi fundamental.

Ao fotógrafo e amigo, Marcos Piffer por deixar ainda mais lindo o que já era bonito demais.

Ao sempre mestre Luiz Monforte pelos conselhos e delírios.

À Gylce Cruz porque me aterrorizou e empurrou para frente, durante os longos papos de estrada.

À Elizabeth Thomaz Pereira pela mão estendida, sempre.

Ao querido Paulo Gil pelo toque de fé.

À minha estimada sogra Maria Carmo pelas correções e pelo incentivo.

À caríssima tia Amélia pela tradução e valiosos comentários.

À Teresinha Cunha porque acompanhou tudo de perto.

Ao Sr. Francisco Nascimento e Manoel dos Santos Martins porque subiram o morro comigo.

Agradeço, especialmente, às bordadeiras do Morro São Bento, mulheres valentes, que, com delicadeza e boa vontade, ofereceram as suas vidas para que eu pudesse contar as minhas histórias.

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO	1
2. JUSTIFICATIVA	7
2.1 Como o Morro São Bento foi parar na PUC de São Paulo?	
3. CIDADES E DESTINOS	12
3.1. Ilha da Madeira	
3.2. Santos	
4. O MUNDO VISTO POR ELAS	20
4.1. A imigração	
4.2. As mulheres	
4.3. O casamento	
4.4. Memória	
4.5. Os relatos	
4.6. O trabalho	
4.7. O descanso	
4.8. A convivência	
4.9. O conflito	
4.10. A sobrevivência	
4.11. A herança	
4.12. A Identidade	
5. MATERIAL E MÉTODOS	57
5.1. Ética e Respeito	
5.2. Documentação	
5.3. Fotografia	
6. PERFIL DAS BORDADEIRAS	70
6.1. Isabel da Paixão Fernandes de Andrade	
6.2. Beatriz de Freitas Leão Pereira	
6.3. Maria Teresa Gonçalves Pestana	
6.4. Maria Alexandre Fernandes	
6.5. Maria Paixão de Abreu	
7. IMAGENS DAS MULHERES, DO TRABALHO E SEUS SONHOS	90
8. ANÁLISE	107
8.1. Memória	
8.2. Trabalho	
8.3. Identidade	
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS	122
10. BIBLIOGRAFIA	130
ANEXO	

RESUMO

O presente trabalho analisa o comportamento de cinco velhas senhoras frente ao seu ofício. Imigrantes da Ilha da Madeira, bordadeiras desde a infância, elas deixaram o país de origem, em companhia dos maridos, na primeira metade do século XX, movidas pelo sonho de uma vida próspera no Novo Mundo. Desde que chegaram ao Brasil, moram na encosta do Morro São Bento, em Santos, estado de São Paulo.

O linho e a linha, incorporados à rotina na casa materna, são ferramentas que vão acompanhá-las durante toda a vida, garantindo algum dinheiro, um pouco de liberdade e muito prazer. Além disso, o bordado ofereceu a elas a chance de reforçar o orçamento doméstico e garantir respeito e visibilidade em terra estrangeira.

No entanto, a atividade que, com tanta intensidade, preencheu a existência dessas mulheres, não despertou o interesse de suas filhas e netas. As gerações seguintes declaram admiração e respeito pelo bordado, mas não quiseram fazer dessa arte o seu ofício. No Morro São Bento, o bordado da Ilha da Madeira é um tesouro sem herdeiros.

Indiferença semelhante as ilhoas madeirenses vão perceber na sociedade. Diante das peças bordadas, as pessoas demonstram encantamento e respondem com elogios. Mas a relação compra e venda é

estabelecida de forma precária e, assim, parte do sentido da produção se perde.

Mesmo diante de tais circunstâncias, essas mulheres mantêm a rotina e trabalham todas as tardes. Cumprem religiosamente o calendário de exposições. E, ao contarem a história de suas vidas, elas deixam claro que bordar é mais do que tarefa, hábito ou obrigação: é com o linho e as linhas que essas mulheres tecem a sua própria identidade. São mulheres, são mães, são avós mas, acima de tudo, elas são e querem permanecer bordadeiras.

Summary

This work brings up an analysis on behavior of five old ladies as to their occupation. Immigrants from the Madeira Island, embroiderers since their childhood, these ladies left their country, following their husbands in the first half of the twentieth century, in the quest for their dream of prosperous life in the new world. Ever since they arrived in Brazil, these ladies have lived on Morro São Bento, in Santos, São Paulo.

Linen fabric and thread, constant routine since their mothers' homes, are the tools that have followed them for the entire life, allowing them some income, some freedom and much pleasure. Not only that, for embroidery also brought them the chance to increase their home budget and allowed them respect and hopeful future in foreign land.

However, the professional activity that intensively fulfilled the life of these women, never awakened the interest of their daughters or granddaughters.

This following generation show pride and respect in embroidery, but they would rather not take this art as their jobs. On Morro São Bento, the Madeira Island embroidery is a treasure with no heirs.

Similar indifference, those Madeira islanders also find in society. People are amazed and respond with compliments to these embroidered sets. However, profits in buying and selling these sets are very little; so the real meaning of producing such work is getting lost.

Even facing these results, these ladies keep their routine and work every afternoon. They do their duties to exhibit their work at the scheduled fairs. As they tell their own stories they make it clear that embroidering is more than a task, a habit or a duty: for it is with linen fabric and thread that these ladies weave their own identity. They are women, mothers, grandmothers and above all they are and they want to be embroiderers.

1. INTRODUÇÃO

A história das bordadeiras do Morro São Bento é uma lição para qualquer pessoa que queira enxergar o mundo com tolerância e paixão.

Mulheres fortes e aguerridas enfrentaram o duro processo da imigração, a dor da saudade, a crueldade da miséria e a força da incerteza que conspiraram contra elas. Não se mostram contrariadas. Sabem que os anos correm trazendo bons e maus momentos e acreditam na força do trabalho.

As ilhoas que vivem em Santos ficaram viúvas cedo. Os bravos guerreiros com quem compartilharam suas aventuras foram logo abatidos, mas nem a solidão paralisou essas mulheres. Elas continuaram trabalhando e sorrindo.

Todas, já na “meia-idade” ou passando dela, mergulharam em um novo projeto e tentaram salvar o seu ofício. Não desfizeram o grupo, não cederam às facilidades, não abandonaram as suas origens. Querem ficar juntas, querem mostrar o que fazem, querem “morrer com o dedal na mão”.

Ali, na encosta do morro, existe uma história que se aproxima do fim.

O resgate e o registro de uma proposta de vida tão extraordinária refletem aquilo que Paul Thompson (1992) diz a respeito de história oral: “...é uma história construída em torno de pessoas... Admite heróis vindos, não só dentre líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo... Traz a

história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade... Ajuda os menos privilegiados, e especialmente os idosos, a conquistar dignidade e autoconfiança.”

A relevância de um trabalho dessa natureza, que tem como matéria prima histórias reais, não neutraliza as dificuldades que se enfrenta ao realizá-lo. É uma iniciativa que, no princípio, tem que superar a falta de confiança e, no final, deve atender às expectativas dos atores, porque eles estão vivos e ansiosos para ver os resultados. Acreditam que, ao compartilharem experiências, suas vidas se eternizam.

Essa foi a responsabilidade que eu assumi junto àquele grupo de cinco mulheres que acolheu, com carinho e extraordinária consciência, a idéia de participar de um trabalho que perpetuará a sua passagem pelo São Bento. É possível que as bordadeiras jamais tenham entrado em uma biblioteca; no entanto, elas têm algo de sábio que as fez compreender que, através de algumas linhas impressas, a luta pela valorização do seu trabalho não terá sido em vão. E, quando a imortalidade virou uma possibilidade, elas mais uma vez fugiram do anonimato e autorizaram o uso de seus nomes verdadeiros na dissertação.

A carga de subjetividade embutida no tema só veio à tona quando comecei a coletar os dados. O que poderia estar escondido nas entrelinhas dos relatos passou a ser uma inquietação. Decifrar os motivos que levavam cada uma das bordadeiras a selecionar este ou aquele acontecimento para contar significava *refletir sobre os trabalhos da fala, da memória e da consciência na construção dos enredos e na constituição das bordadeiras*

como sujeitos sociais (KHOURY, 2001).

A prática profissional me levou a acreditar na necessidade de montar um questionário que evitasse as armadilhas mais comuns em entrevistas: respostas evasivas e que fugissem tanto do assunto que, ao final, fosse impossível alinhar as informações. Por isso, o piloto foi elaborado com perguntas fechadas, cujo objetivo era explorar três aspectos da vida das bordadeiras: memória, trabalho e longevidade.

Logo foi possível perceber que aquela era uma maneira deselegante de abordá-las. Além disso, a estrutura das perguntas era incompatível com a forma como elas gostariam de dar as suas respostas. Cabia nessa circunstância um sábio conselho de Paul Thompson (1992): *evite fazer perguntas que levem os informantes a pensar do modo que você pensa*. O sotaque e as expressões idiomáticas precisavam de espaço nas conversas que aconteceriam nos meses seguintes. Os medos, os receios, as carências e as vergonhas deveriam ser considerados. Eu teria que garantir a elas a possibilidade de escuta, caso uma história importante fosse repetida várias vezes. Enfim, para que as bordadeiras viessem a mim, eu teria que assisti-las e não dirigi-las. Mas abandonar o questionário e deixar que elas decidissem por qual caminho iríamos seguir, foi uma das decisões mais difíceis tomadas durante a elaboração da pesquisa. Como saber se elas escolheriam a rota certa? Impossível ter certeza, então, resolvi correr o risco de enfrentar as entrevistas sem um roteiro na mão.

Em agosto de 2003, durante uma palestra, no Sesc Vila Mariana, em São Paulo, Paul Thompson (2003) ofereceu um lindo exemplo sobre

versatilidade diante das peculiaridades de sujeitos envolvidos em uma investigação científica. O autor britânico falava de sua experiência junto a uma comunidade de pescadores e sobre o desconforto e o silêncio que suas perguntas geravam entre os trabalhadores. Resolveu, então, que abandonaria as premissas e o gravador. Chegaria na praia todas as manhãs, se sentaria perto daqueles homens e apenas observaria a sua rotina, ouviria as suas conversas cotidianas e sairia no barco com eles, se fosse convidado. Da humildade e sensatez, resultou *Living the Fishing*, um dos mais importantes títulos da vasta obra do autor sobre história oral.

Considerando essa nova possibilidade mergulhei, eu mesma, naquele grupo. Levei a minha alma para o São Bento. Abri mão das experiências vividas à beira-mar e passei a ver o porto, a cidade e o mundo do alto do morro. De fato, estendi as mãos e pedi às bordadeiras que me ensinassem a olhar, a partir do seu mirante particular. E percebi que elas não estão ali somente como observadoras, como qualquer um poderia ficar para sempre, sem perceber a importância daquele lugar. Elas estão estrategicamente posicionadas para interferir, mudar, renovar e moldar os seus destinos. Tem o pé fincado no passado, avaliam claramente o presente e projetam no futuro o desejo de serem sempre aquilo que sempre foram. E assim, junto à busca da sobrevivência, vemos produzir-se um pragmatismo mesclado com a emoção, a partir do lugar e das pessoas juntos (SANTOS, 2003). Neste caso, o bordado não poderia ser tratado só como suporte para uma velhice ativa; trabalho não poderia estar ligado a lucro ou tédio e a memória não poderia ser confinada na esfera das lembranças. Elas são,

sim, mulheres velhas, que realizam um trabalho que trouxeram do berço. Mas não é só isso que as mantém em pé. O eixo da luta chama-se identidade.

O relatório final foi estruturado de forma que, primeiramente, pudéssemos conceituar os 4 pilares que sustentam o tema: trabalho, memória, velhice e identidade. Em seguida, traçamos o perfil das cinco personagens através do entrelaçamento de palavras e imagens. Por final, comentamos os resultados da pesquisa.

Os autores selecionados para falarmos sobre a velhice foram BEAUVOIR (1968, 1984, 1990) e BOSI (1999, 2003). Ajudaram-nos com suas reflexões a respeito de trabalho MARX (1982) RUSSELL (2002), SENNETT (1999) e ADORNO (1995). Estudamos narrativa e memória com PORTELLI (1997a, 1997b, 1997c, 2001), BENJAMIN (1987) e THOMPSON (1992, 2003). Identidade nos veio através de SANTOS (2003), SAWAIA (2001), CIAMPA (1987), MARTINELLI (2001), KHOURY (2001) e CHAUI (1989).

Para apresentar os resultados da pesquisa, optamos por uma estrutura que subdividisse o trabalho em tópicos. Colocados o resumo e a introdução, justificamos a escolha do tema e a forma como ele seria tratado.

No primeiro capítulo, traçamos um paralelo entre a Ilha da Madeira e a cidade de Santos, mostrando as semelhanças e as diferenças entre os dois ambientes. No segundo capítulo, foram elaborados 12 itens sob a ótica das bordadeiras. Nesse espaço o texto está ancorado em declarações, opiniões e comentários feitos pelo grupo, a respeito da imigração, das

mulheres, do casamento, da memória, dos relatos, trabalho, descanso, convivência, conflito, sobrevivência, herança e identidade.

O terceiro capítulo tem início com material e métodos, onde pudemos falar sobre a pesquisa em si, a forma como foi feita, instrumentos utilizados, técnicas de apoio, definição de limites para lidar com o grupo e restrições para o tratamento do material colhido. No quarto capítulo, mostramos quem são os sujeitos focalizados na pesquisa, por meio de uma pequena biografia de cada uma das bordadeiras e de uma galeria de fotos e frases.

No capítulo V, destacamos as três categorias fundantes da nossa pesquisa - memória, trabalho e identidade – e, analisamos os depoimentos. Através dessa montagem, procuramos dar uma volta completa em torno do tema pesquisado, de modo que ele fosse verificado sob todos os ângulos .

2. JUSTIFICATIVA

“Temos muita coisa em excesso. Temos imagens em excesso, o que significa que perdemos a capacidade de prestar atenção. Atualmente, as histórias têm que ser extraordinárias para nos comover. Já não conseguimos ver as histórias simples.”

(Wim Wenders, diretor de cinema, no filme Janela da Alma)

A frase do cineasta alemão define as margens que balizaram este trabalho: simplicidade e histórias extraordinárias. Entre essas duas linhas, cinco mulheres levaram a vida como portadoras de suas tradições, resistindo, incansavelmente, para defender aquilo que o ser humano tem de fundamental: o desejo de ser reconhecido pelo seu grupo. Em certa altura da vida, as bordadeiras do Morro São Bento se uniram e, através do reconhecimento mútuo, da decisão de agir conjuntamente, elas abraçaram um só ideal e definiram a cultura como o seu campo de tensões e lutas (Chauí apud Khoury).

Ao comentar o cotidiano da velhice BEAUVOIR (1990) diz: “Certos velhos trazem dentro de si algo de indomável e até mesmo heróico... arriscam, cheios de indiferença, uma vida a que já não têm nenhum apego”. O núcleo envolvido na pesquisa, formado por mulheres velhas, nega essa

idéia. Em cada gesto, em cada movimento, em cada declaração revela-se que a razão da luta está diretamente ligada ao extremo amor que cada uma delas sente pela vida.

A história começa em meados do século XX. Na época, ainda sob a influência da aristocracia européia, em especial da inglesa, era um costume das famílias financeiramente privilegiadas bordar roupas de cama, mesa, banho e os enxovais das crianças. Era um hábito que sustentava o “status” social e garantia uma demonstração de requinte e bom gosto. Esse trabalho, na cidade de Santos, era realizado por várias pessoas que recorriam a técnicas distintas, mas um dos grupos se destacava: o das bordadeiras da Ilha da Madeira. Como em Portugal, elas trabalhavam no linho, na seda natural, no organdi e no algodão. As peças de uso pessoal, que exibiam em suas casas, encantavam as senhoras que por ali passavam para fazer as suas encomendas. Os trabalhos perfeitos, resistentes, com barrados que alternavam pontos em relevo e espaços vazios, eram absolutamente originais. As toalhas e lençóis que as madeirenses trouxeram para o Brasil eram tão extravagantes, que D. Beatriz costuma contar que, quando chegou na alfândega, a sua bagagem ficou retida alguns dias, porque os fiscais pensavam que era mercadoria para comércio. *“O meu marido falou assim: isso que vocês estão chamando de contrabando é o enxoval da minha esposa, que nos casamos há três anos. Eles não acreditavam que aquilo tudo, tão bonito, podia ser meu. Mas, aí, soltaram as minhas malas. A minha colcha de casamento, o meu almofadão? Coisa linda”.*

A fama das bordadeiras se espalhou e elas passaram, anos e anos,

trabalhando na encosta do Morro São Bento. Até a década de 60, não havia, na cidade de Santos, quem não soubesse da existência dessas artesãs. Porém, a partir daí, a indústria passa a investir ferozmente contra a preciosidade do trabalho manual. Nada mais poderia ser exclusivo, raro. O mundo mergulha na era das grandes quantidades, da produção em série, do poliéster, do jeito americano de viver. Toalhas e lençóis de tergal aliados às máquinas de lavar roupa, viram sinônimo de modernidade. Em seu trabalho mais recente, BOSI (2003) fala muito adequadamente sobre a estética neocapitalista e sua preferência pelos novos objetos frios, protocolares, em detrimento daqueles produzidos com as mãos, impregnados de biografia e memória. É um novo tempo, os compradores se afastam e as bordadeiras vão enfrentar um longo período de latência. Nos anos 80, contrariando as forças vigentes, elas decidem reagir, procuram ajuda, fundam a União das Bordadeiras do Morro São Bento e ressurgem.

2.1 Como o Morro São Bento foi parar na PUC de São Paulo?

O projeto inicial para esta dissertação de mestrado tinha como objeto de estudo velhos imigrantes de cinco colônias diferentes. Através deles, seriam levantados dados sobre lembranças e sentimentos relativos ao país de origem, deixado para trás na juventude. Como cada um deles via a possibilidade de morrer longe de suas raízes? Conforme o trabalho foi sendo

encaminhado, o excesso de variáveis apontou para a inviabilidade da idéia. Eram muitos atores, de origens distintas, com histórias diferentes, infinitos recursos e desfechos bastante particulares. Tudo envolvido em subjetividade e prejudicado pela imprecisão da proposta. Apesar da nebulosidade, estava claro que as aventuras de velhos imigrantes seriam a base da dissertação.

A minha trajetória me empurrava para o tema: jornalista por formação e neta de imigrantes árabes, que são exímios contadores de histórias, acabei me transformando em uma ouvinte contumaz. Fantasias sobre terras distantes alegraram a minha infância e me acompanharam pela vida. Quando cheguei na PUC, eu tinha assumido um compromisso pessoal de ajustar contas com o meu passado. E, foi durante o seminário A Comunidade e o Poder Local que as idéias se afunilaram na direção de um projeto de pesquisa compatível com prazos e possibilidades. A professora Maria Lúcia Carvalho pediu aos alunos, a maioria de cidades diferentes, que fizessem um levantamento sobre comunidades laborais de idosos. A pesquisa deveria resultar no trabalho de conclusão de curso.

No meu caso, não seria muito difícil já que, em Santos, o número de pessoas com mais de 60 anos de idade é uma das mais altas do país (IBGE, 2002). Selecionei algumas possibilidades: um grupo de chorinho, formado por músicos bastante idosos, as senhoras do movimento Voto Consciente, que interferem na política local, e as voluntárias da Santa Casa de Misericórdia. Eram espaços férteis para uma pesquisa, mas não muito originais. Organizações semelhantes poderiam ser encontradas em outros

municípios. Um dia, conversando com Manuel dos Santos Martins, um colega de trabalho de origem lusitana, perguntei de que região de Portugal era a sua família. *“Ilha da Madeira. E os meus pais ainda vivem no morro São Bento”*. Perguntei se a mãe dele era bordadeira. *“Não, uma das meninas da família tinha que cuidar da casa, para que as outras pudessem bordar. Era dela essa incumbência. Mas ainda existem bordadeiras lá em cima. São poucas, mas elas estão lá”*. A história me interessou, subimos a montanha juntos e ali na ribanceira eu encontrei um tesouro: uma comunidade em extinção, que não agoniza. Ainda que condenadas ao desaparecimento, as bordadeiras do São Bento resistem sem pesar e preservam o seu território cultural de forma admirável. O que leva aquele pequeno grupo a permanecer em movimento, gerando e oferecendo vida? Que impulso será esse que as faz conservar as suas tradições? *Será em terra estranha, o rearranjo e a reconstituição de antigas lealdades ou de atributos herdados o que as mantém em pé?*, pergunta Milton Santos, no texto *A aceleração contemporânea: tempo, mundo e espaço-mundo*.

Ouvir os relatos das bordadeiras era mais um privilégio que me cabia aceitar. Ali, entre o linho e as linhas, estavam as histórias fantásticas dos meus avós, contadas por outros imigrantes.

3. CIDADES E DESTINOS

3.1. Ilha da Madeira

O Arquipélago da Madeira, descoberto pelos portugueses em 1418, está localizado no oceano Atlântico. É um território de origem vulcânica, formado pelas ilhas da Madeira, Porto Santo e as desabitadas Desertas e Selvagens (MADEIRA, 2004b).

A mais importante delas é a Madeira, de onde vieram as bordadeiras do Morro São Bento. Com uma área total de 741 km², sendo 57 km de comprimento e 22 km de largura, fica a 500 Km da costa africana e 1000 Km do continente português. A ilha conta hoje com uma população de cerca de 260 mil habitantes. São seis as principais cidades madeirenses (Funchal, Porto Santo, Machico, Câmara de Lobos, Santa Cruz e Santana). Funchal, situada na costa sul, é a capital e a mais populosa, com cerca de 120 mil habitantes.

O relevo da ilha é montanhoso, o clima mediterrâneo, com características sub-tropicais e possui fauna e flora bastante variadas. A economia da Ilha da Madeira é baseada no turismo e tem como embaixadores três produtos artesanais: o Vinho da Madeira, o vime e bordado (MADEIRA, 2004a).

Não se sabe, ao certo, quando é que se começou a bordar na Madeira, mas calcula-se que a história do bordado seja quase tão antiga

quanto à da descoberta do arquipélago, em 1419. As ilhas deveriam servir de apoio à expansão marítima de Portugal e foi ali que o mercador Cristóvão Colombo planejou a célebre viagem para a América (MADEIRA, 2004c).

Durante muitos anos, a produção de cereais foi fator de riqueza e crescimento. Mais tarde, as grandes fazendas passaram a cultivar a cana-de-açúcar e a fabricar o “ouro branco”, vendido para toda a Europa. O ciclo açucareiro tornou a Madeira conhecida em todo o mundo civilizado.

No fim do século XVI, a exportação do açúcar madeirense entra em crise, por causa da saturação do solo, das doenças que contaminaram as lavouras e, sobretudo, pelo baixo preço do açúcar brasileiro. Os madeirenses já haviam iniciado a imigração para o Brasil e, como mão-de-obra especializada, introduziram no país as técnicas de plantio de cana e de refinamento do açúcar (MADEIRA, 2004b).

Em 1640, o casamento da infante D. Catarina de Bragança com Carlos II, da Inglaterra, favoreceu as relações comerciais com os britânicos. Os Vinhos Madeira passaram a ser exportados para a Inglaterra, Índias Ocidentais e colônias inglesas da América. Nesse período de prosperidade, foram construídas as famosas residências com varandas de ferro forjado, casas com balcões e as igrejas douradas em estilo barroco. Alguns exemplares ainda hoje enfeitam as ruas do Funchal.

Nas primeiras décadas do século XIX a Madeira viveu a decadência do ciclo da vinha. Com o fim das guerras napoleônicas, os ingleses mudam de hábito e passam a dar preferência ao xerez e aos vinhos do Porto.

Apesar da crise, a economia reage.

O turismo começou a crescer, inicialmente, porque na época os médicos ingleses e alemães recomendavam o clima ameno da Madeira como remédio para doenças pulmonares, o que levou muitos pacientes dos dois países para o arquipélago. Ao mesmo tempo foi-se desenvolvendo a produção e a exportação dos cestos de vime.

O bordado da Madeira teve a sua apresentação internacional em 1851, em uma exposição de indústrias diversas, em Londres. Por volta de 1860, já eram milhares as artesãs que trabalhavam por toda a ilha, bordando lençóis, toalhas, vestidos, camisas e lenços. O bordado chegou à Alemanha vinte anos mais tarde, quando já era uma atividade econômica de fôlego e só passou a ser exportado para os Estados Unidos em 1900, por iniciativa de imigrantes sírios, instalados no Funchal (MADEIRA, 2004c).

Hoje, o bordado é um dos principais atrativos da Ilha; por isso, a produção e a comercialização desses produtos é rigorosamente controlada pelo IBTAM, Instituto do Bordado, Tapeçarias e Artesanato da Madeira.

3.2. Santos

A cidade de Santos é uma das mais antigas do Brasil. Fundada no século XVI, teve o seu povoamento iniciado no final de 1539, com a chegada do navegador português Capitão-Mor Antonio de Oliveira ao pequeno monte, onde hoje está instalado o Outeiro de Santa Catarina, o marco inicial da cidade (SANTOS, 2004).

O município está localizado no litoral do estado de São Paulo e, segundo dados oficiais do censo demográfico (IBGE, 2000), conta com uma população de 417.983 habitantes. Ocupa uma área de 271 km², dos quais 39,4 km² correspondem à ilha e os outros 231,6 km² à área continental. A ilha é formada por 7 km de praias. Cerca de 16% da área-sede é ocupada por 20 morros (NASCIMENTO, 1992).

O Morro São Bento, local da nossa pesquisa, se estende por 48 mil hectares, conta com cerca de 15 mil habitantes e está voltado para o porto, o maior da América Latina e porta de entrada dos imigrantes que chegaram à cidade no início do século passado.

Santos começou a prosperar, impulsionada pelo ciclo do café. A produção de todo o Estado de São Paulo, destinada à exportação, exigia a ampliação e o aparelhamento do porto. Com isso, muitos estrangeiros que tinham como destino as lavouras do interior, acabavam se estabelecendo na cidade que oferecia muitas possibilidades profissionais, naquele momento. Os imigrantes vinham em grande número da Itália, Espanha, Inglaterra, Portugal e do Japão.

Essa diversidade de procedências fez com que o conjunto arquitetônico do Centro Histórico de Santos apresentasse uma grande

variação de estilos. Nos casarões e nas igrejas podem-se reconhecer traços barrocos, vitorianos, coloniais e neoclássicos.

A colônia lusitana interferiu de tal forma na vida da cidade que, se não fosse a influência desse povo, seguramente, o município teria outras características culturais, urbanísticas e sociais. Uma das marcas mais importantes dessa tradição foi, sem dúvida, o trabalho das bordadeiras que reproduziam na ilha brasileira os traços que trouxeram das encostas portuguesas.

As mulheres da Ilha da Madeira bordavam para compradores particulares. Mas, a partir dos anos 50, com a instalação de fábricas de bordado, em São Paulo, o artesanato foi perdendo a força e o valor. Os jogos de cama antes feitos em linho e vendidos diretamente aos consumidores, passaram a ser encomendados pelas fábricas em tergal e o pagamento da mão-de-obra não chegava a quinze por cento do que antes recebiam pelo serviço. A maioria das bordadeiras preferiu resistir ao assédio da indústria e, para enfrentar os tempos difíceis, elas buscaram uma saída.

No dia 27 de outubro de 1984, promoveram uma reunião com técnicos da Secretaria Estadual da Promoção Social e representantes da Diocese, no salão da igreja de Nossa Senhora da Assunção, no alto do São Bento (NASCIMENTO, 1992). Levaram para o encontro um cadastro com 36 nomes de bordadeiras da Ilha da Madeira e 24 brasileiras, com idade entre 24 e 65 anos. Na região, moravam mais mulheres dedicadas ao ofício, mas muitas não acreditaram na possibilidade de revitalização do bordado e deram as costas ao movimento.

Do primeiro encontro, resultou uma parceria tímida, na qual a secretaria estadual se comprometeu a garantir verba para a compra de material. O rendimento do primeiro lote foi revertido para um fundo de participação, administrado pelas bordadeiras. A novidade arejou a atividade e renovou o entusiasmo daquelas mulheres. Elas correram rádios e jornais, divulgando o trabalho e os novos postos de venda. Foi um momento importante na trajetória das bordadeiras do morro, quando elas voltaram a ser motivo de orgulho para a população santista.

Um ano depois, foi fundada a União das Bordadeiras do Morro São Bento, o que revelou uma conscientização sobre a validade das propostas de trabalho e a possibilidade do grupo de caminhar de forma autônoma (NASCIMENTO, 1992). O estatuto prevê que todas as iniciativas devem ser discutidas e decisões tomadas em conjunto. Isso envolve todas as questões relativas ao trabalho, como preço de peças, o colorido dos bordados, seleção de material e o calendário de exposições.

Em 1987, a União das Bordadeiras firmou um convênio com o projeto Geração de Renda, para que fosse implantado um curso de formação e aperfeiçoamento de mão-de-obra (NASCIMENTO, 1992). As aulas eram abertas à comunidade do morro e, além de preservar a cultura, visavam conscientizar a população local sobre a importância do associativismo. Mas, por falta de interessados, os cursos não foram adiante.

De qualquer forma, a criação de uma cooperativa deu novo fôlego ao bordado e às bordadeiras, que deixaram de atender as fábricas e voltaram a tratar diretamente com os compradores. Por algum tempo, as

famílias voltaram a se envolver nos trabalhos, ajudando nos arremates, nas entregas e participando das exposições.

No entanto, a euforia durou pouco. Já no início da década de 90, a crise econômica inviabilizou o mercado para o artesanato mais delicado e caro, feito com linhas de boa qualidade e tecidos nobres. A cooperativa registrou queda nas vendas e evasão da mão-de-obra que, seduzida pelo volume de pedidos feitos pelas fábricas, atendia aos apelos dos intermediários.

A essa altura, as jovens descendentes trocavam o bordado por outra atividade qualquer. Hoje, as filhas de bordadeiras justificam a falta de interesse pelo bordado como profissão, comparando números: um jogo de cama feito em três dias, leva várias semanas para ser vendido a R\$ 150,00; como diarista, trabalhando apenas três vezes por semana, o rendimento é igual. E, de fato, as filhas e netas não seguiram o caminho da faxina e nem o do bordado. Para orgulho das mães, todas conseguiram avançar na escala social. As filhas terminaram o segundo grau e se casaram com brasileiros, homens empreendedores, que têm seus próprios negócios. Os netos foram para a universidade.

Sendo assim, há anos, as madeirenses passaram a bordar por conta de um compromisso com a sua arte. Atualmente, são apenas 5 as sócias da União das Bordadeiras do Morro São Bento, todas viúvas e com idade entre 65 e 78 anos. Elas expõem seus trabalhos duas vezes por mês e raramente vendem uma peça grande. O que não diminui o entusiasmo dessas artesãs. No último mês de março, por exemplo, o grupo foi convidado a participar das

comemorações do Dia Internacional da Mulher. Por vários dias, mostraram os bordados em um shopping da cidade, mas não venderam nada. Sobre o fato, D. Maria Alexandre comentou: “não vendemos nem um lencinho, mas fizemos muitos amigos por aqui”.

Se não é um legado para as novas gerações e tampouco fonte geradora de conforto e segurança para as velhas senhoras, por que, afinal, continuam bordando essas mulheres?

4. O MUNDO VISTO POR ELAS

4.1. A imigração

“Por favor, deixa o Outro Mundo em paz!

O mistério está aqui.”

80 anos de poesia, Mário Quintana

Os deslocamentos de populações foram registrados na história da humanidade ao longo dos séculos, mas aqui vamos tratar da chamada grande emigração, que ocorreu a partir da segunda metade do século XIX. As pessoas saíam da Europa e do Japão, com destino ao Novo Mundo, fugindo da miséria e da falta de oportunidade de trabalho.

Àquela altura, o tráfico negreiro estava proibido, os escravos livres e o Brasil precisava de mão-de-obra. O Império define uma política imigratória que atraía “braços para a lavoura” e subvencionava as passagens dos imigrantes. No primeiro momento, os estrangeiros chegam para suprir a falta de trabalhadores nas fazendas do interior do Estado de São Paulo (LANNA, 1996). Com o desenvolvimento do café, Santos se torna o principal porto exportador e os imigrantes começam a se instalar na vila.

No início do século XX, Santos torna-se um importante centro comercial. Em 1912, com o Plano de Saneamento de Saturnino de Brito, a cidade ganha “status” de cidade balneária, se expande em outras direções e

as residências, que estavam localizadas em torno do porto, vão se aproximando da praia (FRUTUOSO, 1985).

Os imigrantes passam a participar da vida da cidade em inúmeras profissões: operários, agricultores, carpinteiros, comerciantes, empregados no comércio, marítimos, pedreiros, sapateiros, artesãos, motorneiros de bondes, carroceiros, empregados dos negócios de secos e molhados, das barbearias, charutarias, eram prestadores de serviços e funcionários das casas de café. As mulheres eram domésticas ou ocupavam postos no comércio e em outras atividades, como o trabalho de sacaria.

Os portugueses foram maioria na corrente imigratória para Santos. Começaram a chegar no Brasil por volta de 1854 e o censo de 1.913 revela que eles representavam 45% da população urbana santista, chegando a quase 54% da população masculina (FRUTUOSO, 1995) sendo que grande parte deles era procedentes da Ilha da Madeira. Eles vinham por intermédio da Carta de Chamada, documento assinado por patrícios ou parentes, que era submetida à aprovação e registro do Consulado de Portugal. A Carta de Chamada assegurava emprego e acomodação por algum tempo, despesas que seriam reembolsadas pelo favorecido algum tempo depois. Em geral, os homens vinham primeiro e, depois de arranjada a vida, mandavam buscar mulher e filhos (NASCIMENTO, 1992).

Por causa da semelhança geográfica, os imigrantes da Ilha da Madeira foram se assentando nos morros. Ocuparam o São Bento, o Pacheco e o Nova Cintra e neles construíram chalés sobre plataformas de pedra fincada e faziam trabalhos de terraceamento, típicos da Madeira. Essa

técnica era conhecida como “muro de pedra seca” e consistia em encaixar bem as pedras sem ligá-las com massa” (FRUTUOSO, 1995). Criavam porcos, galinhas e gado leiteiro; plantavam “novidades” como batata-doce e mandioca. Também produziam pinga, do tipo *morrão* para consumo próprio e para venda na planície.

As mulheres saíram de seu país para acompanhar os maridos, homens que sonhavam fazer fortuna no Novo Mundo, um lugar com fronteira aberta e imensos espaços a serem ocupados. Judiadas pela guerra, deixaram para trás um punhado de terra, o trabalho na roça e suas raízes. Desembarcaram em Santos, uma vila que despontava como o principal pólo exportador do café brasileiro. Os homens traziam na mala a coragem. As mulheres, os costumes. A eles, as bordadeiras se agarraram e, através deles, renovaram o pacto com a vida, mantiveram os laços com suas origens e se tornaram visíveis e úteis, em uma comunidade estranha e, no princípio, hostil.

Assim como os homens tinham pressa para encontrar um “serviço”, as mulheres acomodavam suas coisas rapidamente e logo se punham à disposição do bordado. Em geral, as famílias que chegavam eram acolhidas na casa de parentes. As ilhoas traziam consigo o material de trabalho: dedal, tesoura e agulhas e, já no segundo ou terceiro dia após o desembarque, estavam trabalhando. *“Cheguei no domingo. Na segunda, eu já trazia o meu dedal, minha agulha e minha tesoura. Eu bordava os bordados da minha cunhada. Aí eu comecei a ganhar o dinheiro brasileiro”*, conta D. Beatriz.

Ao contrário de portuguesas vindas de outras regiões, as

madeirenses não trabalharam como empregadas domésticas. Os maridos não permitiam que elas organizassem a vida de outras famílias. *“Me casei para ter uma mulher em casa, não para trabalhar na rua”*, protestavam eles. Assim, até a viuvez, a vida se restringiu aos afazeres domésticos, a cuidar dos filhos e a bordar “para fora”. Em geral, não saiam para comercializar os seus produtos. As fábricas de São Paulo mandavam intermediários, que distribuíaam e recolhiam os bordados. As pequenas encomendas para o comércio local eram feitas a partir de casa, em um trabalho silencioso que acrescentava dinheiro ao orçamento da família de maneira quase invisível.

4.2. As mulheres

“E venho a descobrir que estas velhinhas fiaram

a seda nas metamorfoses delas próprias.

Não se sabiam tão prodigiosas”.

Cidadela, Antoine de Saint-Exupéry

As cinco bordadeiras estão no Brasil desde meados do século passado, chegaram jovens e atualmente a idade delas varia entre 65 e 78 anos.

A pesquisa começou em maio de 2003 e se estendeu até março de

2004. Durante esse período, em encontros semanais, aconteceram as entrevistas e um acompanhamento regular dos eventos onde elas estariam expondo seus trabalhos ou em atividades sociais. Em qualquer ocasião, e qualquer que fosse o tema da conversa, fé, culinária, filhos ou sexo, o bordado estava presente. A vida se emaranha nas linhas, de forma que fica impossível puxar um fio do bordado, sem que venha junto o matrimônio, os filhos, os sonhos e as lembranças. E, assim entre uma laçada e outra, contaram as suas próprias histórias e delinearam o perfil daquela comunidade.

No livro *Antropologia Indígena*, JUNQUEIRA (2002) reflete sobre a importância da repetição, da recordação, no processo de transmissão de regras dentro de uma tribo: “O esquecimento é, assim, similar à morte, e na memória, se localiza o segredo da imortalidade do povo. Ao perpetuar as lembranças, a memória mantém a união do grupo”. Podemos dizer que não só a união daquelas cinco mulheres é garantida no ato de lembrar, de repetir os mesmos casos muitas vezes, mas ao falar do seu trabalho, sempre que têm oportunidade, elas reafirmam a sua condição de bordadeiras diante de uma sociedade que cultiva a hegemonia da cultura pasteurizada.

Neste caso, a manutenção da autenticidade e a busca pela sobrevivência caracterizam o que SANTOS (2003) chamaria de *um modo de insurreição em relação à globalização*, que parece ter sido o caminho escolhido intuitivamente pelas bordadeiras. E, se continuamos acompanhando essa linha de raciocínio do autor, vai chamar a atenção a

maneira como formas de vida tão simples se aproximam de um processo tão complexo no qual elas passam de uma *situação crítica*, de mulheres, imigrantes e pobres, e percebem a necessidade de terem uma *visão crítica*, que as levou ter consciência de que era necessário *obedecer para subsistir e resistir para poder pensar o futuro*. Quando necessário, acataram as imposições do lugar e de sua gente, quando possível, avançaram com suas armas e garantiram muitas vitórias. Qualquer outra forma de agir teria inviabilizado essa forma exclusiva e verdadeira de existir.

A relação amorosa e disciplinada com o bordado foi fundamental no processo de resistência. Elas lidam diariamente com as linhas, trabalham de forma organizada e com horário determinado. Contam que foi assim, desde que aprenderam a pegar na agulha, por volta dos cinco anos de idade. “*Não posso passar um dia sem ao menos passar uma linha. O bordado é como elemento do nosso corpo*”, diz D. Beatriz. Falam disso com muito orgulho e gostam de lembrar do tempo em que ainda moravam na Ilha da Madeira, quando as mulheres da família e as vizinhas se reuniam todas as tardes para bordar. Ao lembrar da infância, D. Tereza conta que “*quando já se tem um pouquinho de juízo, já pega na agulha. Lá ninguém andava na rua brincando. Era pertinho da mãe e das irmãs, bordando*”. A conversa sobre o trabalho na infância vem com naturalidade; afinal, bordar era tarefa de mulher, fosse ela criança, jovem ou velha. E o fato de crescerem dentro de um grupo onde se fazia distribuição de tarefas para todas as idades, apontava para as meninas os pontos de partida e de chegada. Assim como no bordado, que se começa aprendendo a fazer bolinhas e hastes e, com o

tempo, já se pode fazer um jogo inteiro; na vida, elas começam ajudando no trabalho e nos afazeres da casa, para depois arcarem com as suas próprias responsabilidades, de esposas, de mães e de bordadeiras. O exemplo do modo certo de agir, vem daí: *“Imagina se tem raça para trabalhar assim. Essas mulheres portuguesas mais velhas faziam tudo com muita perfeição. Tinha que ficar tudo certinho. Tanto comida, quanto bordado. A minha cunhada fala dos bordados que ela fazia, eu não sei como ela conseguia bordar tantos jogos em um mês”*, se espanta D. Tereza.

A figura da mãe é uma referência forte de alguém que conduziu a vida com firmeza e apontou os caminhos para o futuro. Quando descrevem a vida na casa dos pais, a mãe é colocada numa condição de muito sacrifício. Muitos filhos para criar, tarefas domésticas, um marido exigente para atender e, ainda, o bordado. Contam que, muitas vezes, depois do jantar, a mãe já cansada colocava as crianças na cama e seguia bordando sozinha. Do quarto, percebiam uma luz bem fraquinha na sala e que aquilo era um sinal de que a mãe seguiria bordando até altas horas da noite. Uma lembrança que inspira admiração e pena. D. Maria conta: *“A minha mãe bordava até muito tarde da noite, coitada, porque eram tempos muito difíceis aqueles. Ela mandava a gente dormir e continuava, até nem sei que horas”*. Aliás, quando o assunto é a mãe, o olhar se perde na distância e a voz emocionada traz de volta as meninas de 5 anos, que salpicavam o linho com bolinhas. D. Maria diz que tudo o que sabe aprendeu com a mãe. D. Beatriz endossa a afirmação, dizendo que deve à mãe a profissão que ela tem: *“foi o que me valeu até hoje”*.

É importante verificar que, nessa relação das mães com suas filhas, fica demonstrado que, através de várias maneiras, passam-se às novas gerações as tradições que devem orientar o viver (JUNQUEIRA, 2002). D. Beatriz garante que as bordadeiras trazem as lições na ponta da língua : *“a gente já chegou de Portugal sabendo que não se deve depender de ninguém, nem da família e nem do governo. Nós temos dois braços e duas pernas, vamos trabalhar, vamos trabalhar”*. E trabalharam duro, sem descansar um dia sequer. D. Tereza conta que só deixou de bordar quando o seu marido morreu. A filha, Terezinha, logo corrige: *“mas poucos dias, mãe”*.

Os relatos indicam que, nas famílias das bordadeiras, as informações eram passadas de forma sutil. Muito mais pelo exemplo do que exatamente pela imposição formal de regras. Os cuidados, a formação e a transmissão de valores para os filhos era uma tarefa na qual a mãe era a figura central. Na casa de D. Beatriz, *“o pai não falava muito, a presença dele era tudo. E a minha mãe só falava uma vez, que era para a vida toda. Tinha ordem na casa da mãe”*.

4.3. O casamento

“Sei que dois e dois são quatro

Sei que a vida vale a pena

Mesmo que o pão seja caro

E a liberdade pequena”.

Toda poesia, Ferreira Gullar

A história se repetiu. Trabalho doméstico, filhos, maridos exigentes e o artesanato traçaram o destino das bordadeiras do Morro São Bento, assim como o de suas mães. Mas, ao contar, não lamentam. Sobre a sua própria sina, elas sempre usam a frase que minimiza qualquer sofrimento: *“a vida é assim”*. E, de fato, a vida como era concebida, deveria acontecer nesses moldes.

Costumam falar da viuvez como um período de alívio, de liberdade. Sobre as vantagens da velhice BEAUVOIR (1990) reflete de forma tão coincidente com esse sentimento, que a idéia até que poderia ter partido da realidade das bordadeiras. Ela diz que *“a idade final representa uma libertação, particularmente para as mulheres: tendo passado a vida toda submissas ao marido e dedicadas aos filhos, elas têm finalmente a oportunidade de cuidar de si mesmas”*.

D. Maria: *“eu não ia nas exposições porque o meu marido não gostava. A Tereza levava os meus trabalhos. Ela vendia, me trazia aquele dinheirinho que me ajudou muito, muit”o.*

D. Beatriz: *“Eu disse para a D. Tereza, chame a D. Maria que agora o marido morreu, Jesus chamou. É, chegou a hora dele, então, deixa a mulher ter um pouco de liberdade”.*

D. Maria: *“Logo que o meu marido morreu, eu comecei”. (risos.*

Mas, ainda que a relação fosse difícil, restritiva e castradora, quando as bordadeiras se referem aos maridos é sempre de forma respeitosa. Descrevem como homens honestos, trabalhadores e generosos, que souberam prover e proteger a família. “Eram homens muito bons”, dizem elas. Mas, no casamento, eram autoritários, ciumentos, possessivos, bebiam muito e não gostavam que elas saíssem de casa sozinhas, especialmente, se fosse para recolher encomendas ou entregar trabalhos.

Esta realidade permaneceria reservada, se dependesse das esposas. Só foi possível descobrir que o trato com os homens era difícil, através das conversas entre elas, em momentos em que as bordadeiras ignoravam o gravador. Não revelam, mas não fazem dos defeitos dos maridos um segredo. Quando estão juntas, as histórias vêm à tona e é,

nesse momento, que aparecem o gosto pela bebida, a agressividade e a fragilidade dos companheiros. Uma fala do sofrimento da outra, mas jamais parte da esposa um comentário deselegante sobre o seu companheiro.

Em determinada ocasião, empolgada com a conversa, D. Beatriz diz assim: *“os maridos faziam as mulheres de escravas. Maridos não tinham muito dó das mulheres. Eles queriam que elas bordassem o dobro, para ter dinheiro dentro de casa”*. Quando se refere a “elas” quer dizer outras portuguesas que moravam nos arredores, porque ao falar da sua própria história, valoriza o marido. Conta que era um carpinteiro habilidoso, que fez lindos móveis para o seu dormitório. Diz que quando chegou em Santos *“ele se candidatou a uma vaga na Companhia Docas e deixou todo mundo impressionado. No teste, pediram que fizesse um caixilho. Ele deu risada: eu, fazer um caixilho? Eu nem preciso abrir os olhos, faço isso de olhos fechados! Ele acabou e disse: provem. Na hora, disseram está aprovado, amanhã pode começar”*. Ela ri muito, orgulhosa do seu homem.

Ao lembrar do pai, Terezinha, filha de D. Tereza, diz que os maridos da geração de sua mãe eram “brancos e indelicados”. Mas a mãe, assim como suas parceiras, não traz de volta essa vivência sob a ótica da mágoa. Ao contrário: elas dizem que com os maridos lutaram e venceram e que tudo valeu a pena pela família que conseguiram construir.

Admitem que eles excediam no álcool e que isso provocava alguma tensão dentro de casa. Mas justificam este comportamento. *Em Portugal se bebe muito, desde criança. Faz-se vinho em casa, as famílias tem pipas de 300 litros. Bebe-se a vontade.*

Sobre a responsabilidade com dinheiro, as bordadeiras contam que os homens entregavam a elas quase todo o salário. Eles ficavam com o suficiente para pagar o bar e a condução. Contam que, se ficassem com tudo o que recebiam, o dinheiro acabaria em um dia, porque eles pagariam passagem de ônibus e cerveja para todos os conhecidos que encontrassem.

D. Beatriz: *“eles preferiam dar para os outros, para alguém que não tinha para comer, ou até tinha. Como se o dinheiro deles não tivesse preço. Era mania de grandeza”.*

D. Isabel: *“Queriam se fazer grandes. O do meu marido num instante acabava. E quando acabava, ele já queria o meu. Não o dinheiro do bordado, da metade que ele me dava”.*

D. Tereza: *“Se pusesse algum dinheiro na mão dele, em quinze dias acabava o dinheiro do mês”.*

A estrutura familiar deveria ter a seguinte configuração: ao marido caberia o comando e o sustento; à esposa o cuidado da casa e dos filhos. Na prática, as coisas aconteciam de forma diferente, mas essa contravenção era ignorada. Para manter a harmonia, as mulheres distorciam delicadamente esta estrutura. Elas conheciam perfeitamente o peso da sua colaboração, trabalhavam especialmente, quando os maridos estavam fora de casa. Todo o serviço doméstico era feito às pressas. Quanto mais tempo sobrasse, mais se bordava. Os homens faziam de conta que davam conta

do recado sozinhos. Se chegassem em casa e elas estivessem bordando, reclamavam, como fazia o marido de D. Isabel: *já estás bordando? Eu mandei você bordar?* Ela respondia: *ah, eu vou ficar sem fazer nada?* Ela ameniza, diz que era tudo brincadeira.

D. Isabel: *“Do bordado, ele nunca perguntou se ganhava 20, se ganhava 30, nunca quis saber”.*

D. Tereza: *“O meu também não perguntava”.*

D. Beatriz: *“Olhe, as portuguesas, para ser sincera, as que tem uma casinha é porque fizeram por ter. Porque, pelos homens ...meu marido também era muito esperto, mas se não era eu a correr atrás com a minha linha, não tinha nem esse cantinho”.*

E essa é uma realidade que vem de longe.

D. Maria: *“Eu dou graças à Deus e à minha mãe. Porque quando venderam os lotes ali, no morro, meu pai fez muito sacrifício e a minha mãe trabalhou muito, muito para comprar este terreno onde eu moro e construir a nossa casa”.*

D. Tereza: *“ah, a D. Santinha era miudinha mas trabalhava muito, demais”.*

Os bons momentos do casamento, todas elas trazem à tona individualmente e sem esforço. Lembram, contam e repetem passagens emocionantes, singelas, românticas e até as duras lutas que enfrentaram com os seus parceiros com ares de satisfação, de vitória. Mas, para lembrar dos momentos difíceis, os que já não têm importância, a essa altura da vida, elas precisam estar em grupo. São fatos que, na elaboração da autobiografia, perdem-se, omitem-se, a não ser, na presença de quem testemunhou tais acontecimentos (BOSI, 1999).

4.4. Memória

*“Trabalhar sobre a memória é como
dedicar-se à magia.”*

IZQUIERDO

A forma como brotam as recordações nos faz refletir a respeito da seguinte ponderação sobre aquilo que o ser humano se permite lembrar e de que maneira decide contar: “poder-se-iam criticar indefinidamente aqueles que deformam o passado, o reescrevem, o falsificam, que aumentam a importância de um acontecimento, se calam a respeito de outro; essas críticas são justas (não deixam de ser) mas têm grande importância se não são precedidas de uma crítica mais elementar: a crítica da memória humana como tal. Do que essa pobre coitada é capaz? Ela só pode reter uma pequena parcela do passado, sem que ninguém saiba, porque justamente

aquela e não outra, pois essa escolha, cada um de nós faz misteriosamente, sem o controle de nossa vontade e de nossos interesses” (KUNDERA, 2002).

E, foi desta forma, tomando cuidado consigo e com aquilo que iam revelar, que as bordadeiras enfrentaram a pesquisa. O fato de terem sido cautelosas em suas declarações nos levou a manter a relação entrevistador/entrevistado dentro dos estritos limites da ética que regem o trabalho de campo no levantamento de histórias de vida. Foi necessário que o “direito ao passado, à possibilidade de lembrar, o direito à memória” (MERCADANTE, 1997), estivesse permanentemente garantido para que não se perdesse de vista o fato de que se as recordações pessoais são um patrimônio; disponibilizá-las é uma decisão individual.

Por conta do respeito severo às regras, o espaço das bordadeiras, no arco de definições da pesquisa, foi ampliado. A partir de qual detalhe fariam a revisão de suas histórias, foi uma escolha delas. Bolos, flores, licores. As lembranças estavam depositadas nos sentidos. Dessa maneira, aromas, sabores e cores precisavam ser acionados para que pudessem reacender as lembranças ligadas à Ilha da Madeira. “Aprendemos e evocamos melhor as memórias que se vinculam com nossos afetos e sentimentos. Não lembramos ou lembramos mal, as coisas afetivamente insignificantes” (IZQUIERDO, 1987).

Sempre apelavam para esses recursos. Mas, com eles, não pretendiam apenas tirar do baú fragmentos de sua cultura primitiva, como se estivessem apresentando relíquias. Ao contrário, tentavam incorporar à

narrativa o intenso desejo de recuperar experiências e emoções, sentimentos adormecidos, mas plenamente vivos no coração daquelas mulheres.

E, se “o passado é um conjunto de infinitas possibilidades de reviver” (MERCADANTE, 1997), elas mergulharam profundamente, e sem medo, no mar infinito de suas lembranças. Voltaram dessas viagens no tempo, aceitando a vida vivida e olhando para frente com segurança. Um movimento de ir e vir sem sofrimento ou amargura, tendo claro que, cada vulto, gesto, palavra ou canção que parecia perdido para sempre, uma vez reencontrado, ajuda a sobreviver (BOBBIO apud LAHUD, 2004).

E para quem, como as bordadeiras, buscou no passado argumentos para construir alternativas para o futuro, realimentar constantemente fatos arquivados na memória foi condição imprescindível para que a história não se rompesse no cais do porto. A disposição que elas tiveram de fundir experiências e cultivar reminiscências em conjunto resultou na cristalização do grupo, porque se não fosse um forte lastro na origem, o que teria sido das jovens imigrantes que chegaram em Santos há décadas atrás? Teriam guardado as agulhas no fundo de um armário e apagado da memória a infância vivida em Portugal, onde passavam as tardes bordando ao lado das mães.

4.5. Os relatos

*“A arte de contar histórias se perde
porque ninguém mais fia ou tece
enquanto ouve”.*

BENJAMIN

A realização de uma pesquisa em camadas populares tem sempre um começo delicado. Os entrevistados acham que não têm nada para contar, que a sua vida não é interessante e que seria mais conveniente que se procurassem pessoas importantes (JOUTARD, 1999). Não foi essa a reação das bordadeiras. Quando consultadas sobre a possibilidade de falarem sobre suas histórias, se mostraram dispostas a iniciar os depoimentos imediatamente. Não porque achem que suas vidas despertam a curiosidade das pessoas, embora tampouco pensem o contrário. Mas, diante do convite, reconheceram de imediato, a possibilidade de divulgar o artesanato e perpetuar a sua passagem pelo Morro São Bento.

No princípio, as cinco mulheres tentavam focar o bordado de forma isolada. Mas, em pouco tempo, a vida e o trabalho se misturaram de tal maneira que nunca mais se falou de um ou de outro separadamente. Nessa fase da investigação, foi possível dimensionar a importância do bordado para aquelas mulheres. “Um dia que a gente não borde, parece que

não foi um dia”, “eu levanto às 5 da manhã, às 8 já estou bordando”, “ah, eu tenho muito amor e carinho pelo bordado, que me protegeu na vida”.

Nos primeiros encontros, o constrangimento diante da câmera e do gravador era evidente. Sentavam-se formalmente, aguardando as perguntas que elas respondiam de maneira evasiva e imprecisa. Ainda estávamos testando a utilização de um questionário previamente elaborado. Inseguras diante do equipamento e da orientação que estavam recebendo, faziam consultas, umas às outras e nunca sabiam se as informações que estavam apresentando eram corretas. A busca pela descontração só acentuava a distância.

Foi difícil perceber que, ainda nesta fase do contato, pesquisadora e aparato eletrônico deveriam ficar em segundo plano, apenas observando os movimentos e a conversa entre elas.

Em um dos encontros todas se comprometeram a levar trabalhos em andamento, para que eles fossem registrados em filme e fotos. Naquela tarde, uma descoberta: as bordadeiras conjugam dois talentos, o da palavra e o da arte de bordar. Não bastava dar atenção apenas para o primeiro, se ele estava a serviço do segundo. Olhar para o linho, ver como ele era delicadamente colorido, com que habilidade e paciência, isso era o que importava para elas.

Um clima mágico tomou conta do pátio da casa de D. Tereza, onde as reuniões aconteciam. As bordadeiras, devidamente acomodadas em banquinhos, com a sacola de linhas pendurada no braço, bordaram e falaram sem parar, durante cinco horas seguidas. Demonstravam uma

alegria e um interesse inédito pelo andamento da pesquisa. Havia, inclusive, um movimento suave de atentar e ignorar o gravador que rodava diante delas. Respondiam a todas as perguntas sobre as maravilhas da terra natal, as delícias da culinária e o encanto da música portuguesa. Quando o assunto era um novo desenho, qualidade do tecido ou qualquer coisa que se referisse ao bordado, isso era entre elas, exclusivamente. Caso fosse lançada uma questão sobre a escolha de uma determinada cor de linha ou a diferença entre um ponto e outro, todas se apressavam a explicar ao mesmo tempo, de forma que se continuasse sem entender nada. Assim, elas finalmente definiram a forma e a intensidade com que estariam se apresentando dali para frente. Primeira medida: todas as visitas deveriam contar com a presença do bordado. Segunda providência: o questionário que estava sendo aplicado teria que ser dispensado. Os dados almejados viriam no bojo dos casos que contavam espontaneamente.

“Falar sobre o passado pode despertar memórias dolorosas que, por sua vez, despertam sentimentos intensos que, muito fortuitamente, podem afligir um informante” (THOMPSON, 1992). Assim, deixar que o grupo escolhesse o local para os nossos encontros; não insistir em determinados temas; evitar reuniões muito longas e permitir que elas considerassem os períodos de trabalho como uma tarde agradável entre amigas, foram fatores fundamentais para que as entrevistas seguintes pudessem acontecer.

Com alguma sutileza, o grupo mostrou que, depois das tarefas domésticas, o tempo era dedicado ao bordado e que, portanto, elas não queriam ter muitas tardes tomadas pelas entrevistas, porque isso poderia

prejudicar o ritmo da produção. Para respeitar o ritual que se repete há anos, foi firmado um acordo de que os encontros obedeceriam ao intervalo de uma semana, quinze dias, ficando livres as visitas aos locais de exposição.

Contar a vida, falar das tradições e da cultura madeirense é motivo de orgulho para o grupo. Mas o bordado vem antes da vaidade. Afinal, é nele que residem a razão e a fonte da vida.

4.6. O trabalho

" Por isso, não desanimamos. Mesmo se o nosso físico vai se arruinando, o nosso interior, pelo contrário, vai se renovando dia-a-dia. Com efeito, a insignificância de uma tribulação momentânea acarreta em nós um volume incomensurável e eterno de glória. Isso acontece porque miramos as coisas invisíveis e não as visíveis. Pois o que é visível é passageiro, mas o que é invisível é eterno".

São Paulo: 2 carta de São Paulo aos Coríntios , cap 4, versículos de 16 a18

Entre uma laçada e outra é possível rir, falar, brigar, brincar, trocar e doar. Essa descoberta me leva a contestar a seguinte idéia sobre produção no tempo livre: “o que produzem (no tempo livre) tem algo de supérfluo. Essa superfluidade comunica-se à qualidade inferior da produção, ficando, com isso, estragada a alegria do trabalho” (ADORNO, 1995). Não é esse o resultado que se verifica com as bordadeiras. Ainda hoje, elas bordam para reforçar o orçamento doméstico. No entanto, garantem que não trabalham apenas por dinheiro. *“Eu já fiquei sem vender um mês. Vai-se e volta-se com o bordado. E, ainda, se canta. Se não vender, não vendeu. Agora, quando a gente vende fica mais contente”*, conta D. Isabel.

O comentário da bordadeira nos leva a concordar com a reflexão de Russel de que inverte a ordem das coisas a noção de que atividade boa é aquela que produz lucro. Se fosse assim, as bordadeiras já teriam deixado o linho de lado. O que fazem é exatamente o contrário. Protegem o espaço do bordado em suas vidas e se declaram dependentes afetivamente do trabalho. E é também D. Isabel quem fala sobre isso de forma bastante comovida: *“quando eu não bordava, eu não me sentia bem, eu sentia uma infelicidade... a gente não tinha nada para fazer. Era só aquela vidinha, e pronto”*. Se a vida fica minúscula nas palavras da bordadeira não é por falta do que fazer. Elas não têm ajuda nos afazeres domésticos. Lavam, passam, limpam e cozinham. Mas essas responsabilidades não preenchem suas vidas, são tarefas que qualquer mulher pode realizar. O desconforto é decorrente da impossibilidade de realizar um trabalho que é exclusividade

delas. A vida perde o sentido, se elas não bordam.

Houve fases em que as vendas eram escassas. D. Tereza fala da sua aflição: *“eu ficava muito preocupada. A gente sai e não vende, meu Deus! A gente não pode ficar bordando e empatando dinheiro. Eu não gosto de ficar parada, já estava ficando agoniada. Sem trabalhar eu acho difícil viver”*.

Elas podem parecer mulheres sacrificadas em um momento delicado de suas vidas. Mas, observando a trajetória de todas elas e ouvindo os seus relatos, chega-se à conclusão de que elas tiveram uma enorme capacidade de reação para que pudessem continuar pulsando dentro da sociedade. A realidade do grupo, na verdade, se afasta das afirmações de Adorno, para se aproximar de outro estudo sobre atividades laborais em comunidades de velhos: *“tiradas do meio das camadas menos privilegiadas da sociedade atual, presas nas contradições de uma sociedade em transição, elas construíram através dos recursos possíveis a elas, uma solução para o problema de sentir-se inúteis e isoladas”* (HOSCHILD, 1972). E, de fato, *a cidade não dá o valor que o nosso trabalho tem*, dizem. Mas, mesmo que o bordado não seja para elas um sucesso financeiro, ele não ficou invisível aos olhos de quem recusa essa forma de arte do ponto de vista do consumo. São comuns reportagens sobre as bordadeiras do morro nos jornais da cidade e da região; são freqüentes os convites para que elas se apresentem em eventos oficiais e, elas dizem que *“muitos estudantes querem entrevistá-las”*.

Os elogios que ouvem nas exposições funcionam como fonte

geradora de uma energia que faz com que essas mulheres velhas saiam de casa aos domingos, carregando sacolas pesadas e se desloquem de ônibus para mostrar os bordados. Nem chuva, nem vento, nem frio impedem que elas cheguem ao seu destino.

D. Isabel: *“Às vezes, eles não compram o nosso trabalho, porque não tem dinheiro. Mas gabam, gabam, gabam o nosso trabalho. Eles dizem, ai, o bordado tá bonito, tá bonito, mesmo. Mas não compram”.*

D. Maria: *“Mas todos ficam admirados, porque é muito bonito, é feito à mão, com muito amor”.*

D. Tereza: *“A gente tem aquele orgulho de sair para trabalhar, levar o trabalho feito por nós. Não tem dinheiro que pague”.*

Essa jornada pitoresca é o que mantém as bordadeiras vivas, fortes, engajadas e ocupando espaço na sociedade. Vale destacar o fato de que elas entendem que o bordado é sinônimo de saúde e satisfação, o que foi enfaticamente posto durante uma avaliação sobre formas de ajuda mútua dentro do grupo. Como elas agem quando uma bordadeira adocece e fica impedida de bordar? D. Beatriz respondeu quase ofendida: *“mas aqui ninguém adocece, está todo mundo são”.* Sempre que a conduta no tempo livre é verdadeiramente autônoma, determinada pelas próprias pessoas enquanto seres livres, é difícil que se instale o tédio; tampouco ali, onde elas

perseguem o seu anseio de felicidade, ou onde sua atividade no tempo livre é racional em si mesma, como algo em si pleno de sentido” (ADORNO, 1995).

D. Isabel: *“Ah, de manhã, eu gosto. Parece que a gente tem aquele vício de ir. Já me levanto cedo, me arrumo, já vou indo ali para baixo esperar por elas. Fico meia-hora no ponto do ônibus esperando por elas”.*

D. Maria: *“Chega o dia de exposição é uma alegria. A gente fica pensando que vai...e vamos bem alegres”.*

D. Tereza: *“É uma coisa de estranhar, de tão gostoso que é. Ninguém se queixa se passar fome e frio. Ninguém reclama”.*

Desta forma, sem estarem pressionadas pelo mercado, porque, afinal, não vendem tanto assim; tampouco, movidas pela necessidade de sobrevivência, porque são todas pensionistas; por que, afinal, continuam bordando essas mulheres?

Talvez porque não seja na falta de ocupação que elas encontram a tranqüilidade e o descanso. Ao contrário: quando se sentam para bordar abre-se o espaço da renovação, que é contrário da morte; e o da motivação, que é o avesso do tédio.

4.7. O descanso

“Se as pessoas pudessem decidir sobre si mesmas e sobre suas vidas, se não estivessem encerradas no sempre-igual, então não se entediariam”.

ADORNO

Tratávamos sobre rotina de trabalho e como aproveitar as horas de folga, quando D. Tereza falou sobre uma conversa recorrente com uma das filhas. Baseada no direito à preguiça adquirido pelos velhos (BOSI, 1999), Vera costuma dizer: “mãe descansa um pouco. Agora a senhora não precisa ficar assim trabalhando. Pára um pouco, toma um café, come alguma coisa”. Ao conselho, D. Tereza responde: “vou ficar sentada, sem fazer nada? É melhor descansar carregando pedras. Quando a gente fica cheia de tempo, não tem hora para acordar, para almoçar, as coisas ficam ali por fazer. “Depois eu faço, depois eu faço. Quem quer ficar assim, sem bordar?”.

Diz ADORNO (1995) que a falta de fantasia, implantada e insistentemente recomendada pela sociedade, deixa as pessoas desamparadas em seu tempo livre. Mas, e quando alguém não quer ter tempo livre? E quando esse alguém preenche o seu tempo livre com

trabalho? E quando este trabalho é fonte de prazer e alegria? O que poderia ser dito a respeito de contravenções dessa natureza? O bordado feito trabalho se transforma em diversão, reflexão, calma. É remédio para todos os males. D. Isabel sofre de “uma alergia braba”. Mas quando bordo, diz ela, até me esqueço disso”. É uma situação na qual a fantasia resiste, os sujeitos resistem e permanece íntegra a vontade e a capacidade de participar. Ao recusarem o tempo livre, da forma convencional como ele se apresenta, as bordadeiras decidem marchar na contramão da história.

Poderíamos imaginar que as cinco senhoras evitam o ócio por medo do tédio ou por medo da morte. Para isso, a conversa teria que enveredar pelo caminho da solidão, do abandono, da finitude. E os comentários que se seguem também não apontam nessa direção:

D. Isabel: *“tem dias que eu nem como. Deixo a comida lá prá comer mais tarde. Tomo umas 3 ou 4 canecas de leite e vou bordando. À tarde, eu faço uma garrafa de café fraquinho e bebo tudo enquanto bordo”.*

D. Beatriz: *“Às vezes, de manhã, eu bordo uma hora. Enquanto os outros estão cantando ou dormindo eu estou bordando, vendo a minha televisão para saber o que se passa no Brasil. Depois do almoço, não vou para o portão prá fofoca, não. Eu tenho o meu bordado que é a minha paixão”.*

D. Tereza: *“ah, de manhã eu acordo cedo e faço tudo rápido prá poder bordar. Às vezes dou uma varrida rápida na casa, ponho tudo no lugar, passo um pano e sento num cantinho e já vou bordar. Nem ligo televisão nem nada. Fico ali, sossegada”.*

Para elas, o trabalho é descanso, porque o descanso reside na certeza de que elas são livres para cuidarem do seu próprio tempo.

4.8. A convivência

As cinco bordadeiras encontram-se nos primeiro e segundo domingos do mês, quando vão expor os trabalhos. Embora digam que preferem assim, *“cada uma no seu canto”*, percebe-se muito prazer quando estão juntas e um forte empenho em manter a comunicação entre um evento e outro.

O contato permanente acontece não só porque moram perto, nem porque freqüentam a mesma igreja, mas porque trocam idéias e favores, em geral, referentes ao bordado. D. Isabel demonstra pouca habilidade para lavar e engomar os lenços que borda. É auxiliada por D. Tereza nessa tarefa. D. Beatriz, a mais novidadeira, é quem está sempre com manuais partilhando novos riscos com as companheiras. Trocam mudas de flores, conversam sobre a vizinhança. E é desta forma que, embora neguem, elas

mantêm alimentado o contato nos intervalos das atividades. Sem muita consciência da força embutida nessa relação, elas vão buscar no grupo a possibilidade de reconhecer-se e serem reconhecidas, umas pelas outras; assim, é no espaço desse convívio, que podem gestar formas de participação social, como sujeitos históricos que são (PY, 1999).

É uma longa amizade que observa, com rigor, as regras de polidez e solidariedade no trato pessoal. Também revela uma estrutura sólida, construída sobre a certeza de que cada uma delas depende dessa união para manter vivo o bordado.

Em geral, as bordadeiras trabalham sozinhas, cada uma na sua casa. Diz D. Tereza que nunca bordou em grupo, a não ser no tempo de sua mãe. *“Se a gente se acomodar, leva um tempão com um bordado. A gente procura sentar num cantinho, sossegada, para render mais”*. Exceções foram abertas durante o período da coleta de dados, quando elas se dispunham, uma tarde por semana, a bordar no pátio de D. Tereza, para que se pudesse viabilizar o trabalho de pesquisa. Eram tardes barulhentas, agitadas, de muita euforia. E, embora tenham aprendido a bordar em família, com tias, primas e até vizinhas, entre amigas o trabalho custava a render. Um caso, uma piada, as fotos, a hora do lanche, tudo era motivo para que o linho ficasse pendurado na mureta do pátio por um bom tempo. D. Beatriz dizia sempre: *“tais vendo? Por isso não podemos ficar juntas. Não se fala na hora do bordado. Se olhar para o lado é que não se borda. E tem que dar conta de bordar perfeito, não é?”*.

4.9. O conflito

A harmonia e o instinto de preservação alimentam o grupo, mas não impedem o conflito. “Entre nós, somos muito amigas. Mas não deixa de ter uma certa maldade”, diz D. Beatriz. A “maldade” a que ela se refere pode ser traduzida como vaidade relativa à produção individual, à disputa de espaço dentro do grupo e à busca de visibilidade na sociedade.

Embora saibam que a sobrevivência de cada uma depende da união de todas, não se tornaram reféns de um processo cego de construção. Ao contrário, transitam livremente pelas áreas de atrito, mas logo demonstram boa vontade para recompor a harmonia. A situação é bastante semelhante a de outros grupos. Não é porque são poucas, porque são mulheres idosas e nem porque são únicas, que as bordadeiras fugiriam desse comportamento. Como em qualquer sociedade, ocorrem confrontos de opinião e jogos de interesse. Mas o que distingue algumas sociedades é que, apesar de eventuais desavenças e além das questões pessoais, todos se acham envolvidos na defesa de sua identidade como povo e na preservação do patrimônio cultural comum (JUNQUEIRA, 2002). “*A gente borda desde pequena e não enjoa. O bordado é tudo para mim e para qualquer portuguesa*”, diz D. Tereza.

Além do desejo de manter a coesão do grupo e conservar o

patrimônio cultural, momentos de conflito apresentam também a possibilidade de cada uma das bordadeiras falar de si, da sua maneira individual de agir e pensar. Passam a falar das diferenças e não das semelhanças, como se quisessem mostrar um lado exclusivo. Contam a sua própria história, fatos íntimos da vida, falam da juventude. E, nesse intervalo da relação entre elas, muita coisa pode ser entendida pelo simples fato de se permitir a cada uma ser vista como ela foi um dia e não apenas como é agora (SOUZA, 1999). Os momentos de conflito foram episódios muito ricos dentro do processo de pesquisa, foi onde cada uma das bordadeiras pôde expor o que trazia de pessoal para dentro do grupo.

4.10. A sobrevivência

*“... um dia vão perceber que a vida passou,
ficaram aqui fazendo fortuna e não voltaram
nem ficaram ricos, só alguns...”*

MIRANDA

As ilhoas conseguiram fazer a sua cultura permear a comunidade em que vivem. Recolheram dela as informações necessárias para que se

sentissem incluídas nesse ambiente. Foi, precisamente, o bordado que trouxeram de sua terra, e souberam tão bem defender de distorções, que as tornou parte de uma nova sociedade, que fez com que a cidade soubesse da sua existência e reconhecesse o seu valor.

Manter esta condição é tarefa que elas têm realizado com afinho. Mesmo tendo atravessado momentos em que a indiferença era grande e as vendas insignificantes, não deixaram de produzir. “Temos que aceitar o dia como ele se apresenta”, diz D. Beatriz. E com esse pensamento elas aguardam, pacientemente, a mudança do vento. “E ele sempre muda”, ela garante.

As cinco bordadeiras do Morro São Bento não gostam que imaginem que elas são pobres, avisam logo: *“nós todas temos as nossas casinhas”*. Todas elas vivem com uma pequena pensão deixada pelo marido ou com a própria aposentadoria, que pagaram como autônomas. Complementam o orçamento com as vendas do bordado e acham que, do ponto de vista financeiro, a velhice não está tão mal assim. D. Paixão conta que algumas vezes, nos aniversários não tinha dinheiro nem para um refrigerante. *“Agora já não é assim, graças a Deus”*.

4.11. A herança

“Que eu vou passando e passando,

Como em busca de outros ares...

... No mesmo instante olvidando

Tudo o de que te lembrares”.

80 anos de poesia, Mário Quintana

Ainda que sofram enorme influência da sociedade em que vivem, as gerações que descenderam deste grupo de imigrantes não alteraram de forma decisiva a estrutura familiar. O contato é intenso, permanente e algumas tradições perduram. É o caso do amor pelas orquídeas e a religiosidade.

No entanto, as filhas das bordadeiras não se interessaram pelo trabalho manual que conheceram ao nascer. Assim como suas mães, aprenderam todos os pontos e passaram a usar o dedal, logo nos primeiros anos de vida. Mas não levaram a sério a arte de bordar. Dizem que o valor das peças não compensa o trabalho e que qualquer outra atividade é mais lucrativa. Não se trata de desprezo, tanto que todas elas bordaram seus enxovais de casamento com a ajuda das mães e falam com muito orgulho do requinte das peças. Certa vez, uma das filhas mostrou o seu lençol de núpcias e, muito prosa, disse “aposto que nem a Lady Di teve um tão lindo”. No entanto, não quiseram fazer do bordado o seu ofício.

As mães são discretas ao comentar o fato. Não se alongam nas

explicações e admitem que, atualmente, o lucro que têm em cada peça é muito pequeno. Dessa forma, acabam dando razão às filhas. Sabem que o bordado da Ilha da Madeira, no Morro São Bento, vai embora com elas e dizem que *“a vida é assim, que é preciso andar para frente”*. E as filhas decidiram não ser guardiãs desse tesouro. Obedeceram aos mandamentos da sociedade moderna e seguiram adiante. As lembranças da Ilha da Madeira não são delas e as tradições lusitanas não encontram eco no coração das descendentes. Ao contrário, o bordado não traz boas recordações.

Nascidas no Brasil, ou vindas muito pequenas, as filhas das bordadeiras freqüentavam a escola e dali extraíam novas referências que contrastavam com a realidade doméstica. Terezinha conta que via outras crianças, que não eram de famílias portuguesas, o dia inteiro na rua. Era escola e rua, enquanto ela e a irmã ajudavam nos afazeres da casa e sentavam para bordar todas as tardes, das 2 às 5 ou 6 horas. *“O meu pai ganhava prá gente comer e a minha mãe bordava prá gente estudar. E se quisesse um lápis de cor, tinha que bordar mais um pouquinho; se quisesse levantar para tomar café, tinha bordar até aqui... a gente bordava direto... tinha meta...prá criança era chato”*. As mães ouvem as queixas sem remorso, até dão risada. Elas aprenderam assim e ensinaram assim.

As portuguesas precisavam bordar muito e para dar conta das encomendas recorriam à ajuda das filhas. Ensinaram a elas tudo o que puderam, o que não significou que desta forma estavam traçando o destino das meninas. Com o passar do tempo, as filhas foram avançando nos

estudos e as bordadeiras passaram a sonhar com um outro mundo para elas. As mães incentivaram o trabalho fora de casa e tomaram conta do bordado sozinhas. Disfarçadamente, libertaram as filhas para a vida no Brasil. Afinal, elas nem conheciam a Ilha da Madeira.

4.12. A Identidade

*“Severina era um átomo solto,
Despregado de qualquer vínculo significativo.”*

CIAMPA

As artesãs madeirenses querem manter a sua tradição, ainda que não tenham espaço garantido no mundo moderno e seu trabalho pareça excluído do arco contemporâneo de paladares. Garantir esse direito não tem sido tarefa fácil, se levarmos em conta *a característica autocrática da sociedade brasileira que tende a estratificar saberes e sacralizar poderes* (MARTINELLI,2001).

Cada uma delas se diz bordadeira acima de tudo. No conjunto, dizem que são todas bordadeiras e portuguesas que moram no Morro São Bento. Ao discutirmos essa colocação, tentamos não focalizar exclusivamente as semelhanças que existem entre elas mas especialmente a organização da vida do grupo ao redor de referências comuns. Assim, tudo faz sentido e o trabalho cumpre o seu papel de elemento forte na

configuração de uma identidade (CIAMPA, 1987).

Sem dúvida, essa foi uma construção que resultou da coragem de enfrentar muitas batalhas e romper algumas amarras. Entre as bordadeiras e a necessidade de manter vivo o bordado, estavam papéis historicamente atribuídos às mulheres e que precisavam ser abandonados. As batalhas a serem enfrentadas não permitiam que elas fossem vistas em relação aos homens, mas sim, em relação à sociedade e, como membros de um conjunto, era imperativo que recusassem a clássica postura de mulheres passivas e submissas.

Durante toda a sua trajetória no Novo Mundo, as ilhoas foram eliminando os obstáculos que poderiam ter sublimado o seu *movimento interno, gerador de vida, de busca, de transformação* (MARTINELLI, 2001). Esta superação é resultado da parceria dessas mulheres e seu ofício. Fortalecidas com esta aliança, elas puderam isolar o preconceito e valorizar a tolerância. Sem usar a força, mas aproveitando o impulso da beleza, da delicadeza e da harmonia do bordado, as jovens imigrantes foram se acomodando em um novo ambiente, conquistando espaço dentro da comunidade, sem abandonar os seus traços de origem. D. Tereza diz que todos os dias, acorda mais brasileira do que portuguesa e que as famílias que vieram da Ilha já cozinham “à moda daqui”, a não ser em ocasiões especiais, quando se prepara um prato ou outro, só para recordar. Mas diz, orgulhosa, que até hoje as pessoas reparam no seu sotaque, no seu jeito diferente de falar. “Não tem jeito e eu não quero perder o sotaque, mesmo. É sempre bom a gente ser o que a gente é”.

Usando de habilidade, as bordadeiras dialogaram com o passado e o presente. Retiram dos dois territórios as estruturas necessárias para manter firme um alicerce que não precisava ser refeito, apenas adaptado. E assim agiram porque havia razão suficiente para que as coisas acontecessem dessa forma. Os motivos eram tão sutis, que quase imperceptíveis: vontade de viver e de realizar o seu trabalho que é pura beleza, suavidade e delicadeza. O resultado foi um profundo prazer e orgulho de fazer parte da engrenagem social que, de uma forma ou de outra, permitiu que essas mulheres pudessem ser aquilo que sempre foram. Mulheres que bordam. Não é muito nem pouco. É apenas uma medida particular para as suas vidas.

Por isso, não sofrem com o fato de o bordado estar condenado à morte. É um instrumento valioso que deu suporte às suas existências mas é, de fato, um alicerce pessoal e intransferível. Não serve para filhas e netas. No dia em que as bordadeiras se forem, vão carregar a sua própria bagagem, como carregam as sacolas com bordados aos domingos e deixarão o caminho livre para que as próximas gerações possam encontrar motivação nos seus próprios destinos.

No decorrer da pesquisa, as bordadeiras refizeram o percurso de suas caminhadas extraíndo as riquezas acumuladas do prazer de bordar. Durante os relatos, esbarraram nos sentimentos de vida e morte sem se deixar abater. No final, sempre prevalece o compromisso com a beleza, com as cores e formas do bordado. Elas acreditam que é daí que extraem toda a carga de alegria, motivação e saúde necessária para continuar

vivendo.

O fato é que se sem elas, esse trabalho já teria desaparecido. Provavelmente, sem o bordado, elas não seriam as mulheres que são hoje. *“Como disse Pascal, ninguém morre tão pobre que não deixe alguma coisa atrás de si. Em todo caso, ele deixa reminiscência, embora nem sempre elas encontrem um herdeiro”* (BENJAMIN, 1987)

5. MATERIAL E MÉTODOS

Esta pesquisa tem caráter qualitativo e consiste em avaliar, junto a um grupo de cinco mulheres idosas, a relação do trabalho com a memória, motivação e identidade. A apresentação do trabalho segue os padrões definidos pela ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas (CUNHA, 1996).

Na primeira intervenção junto às bordadeiras, foi aplicado um questionário piloto, com perguntas abertas e semi-abertas que visava investigar os seguintes itens:

- Origem do grupo
- Objetivos a que se propõe
- Tipo de organização
- Relações internas e externas
- Valores
- Formas de participação
- Cultura de participação/ vínculos de afetividade
- Ações coletivas
- Dificuldades/conflitos/crises
- Como o grupo está inserido no cenário local
- Formas de comunicação
- Sentimentos individuais e coletivos

- Como recebem a velhice
- Como enxergam o futuro

Para a filha de uma das senhoras, a que se dispôs a depor, apresentamos outro questionário, também com perguntas abertas. O resultado deveria delinear a forma como a nova geração se relacionou com o bordado e como as mulheres mais jovens da colônia madeirense vêem a atividade que deu suporte à vida das mães e avós:

- A mãe
- O bordado
- As relações familiares
- As tradições cultivadas pela família
- A velhice
- O futuro

No entanto, com o passar do tempo, a relação com o grupo foi ficando mais estreita e suas peculiaridades mais evidentes, o que indicou que quanto mais direcionadas fossem as conversas, menos dados seriam extraídos delas. As bordadeiras demonstravam claramente que só conseguiriam remexer o passado e trazer lembranças à tona, quando estivessem conversando informalmente, entre elas.

A circunstância exigia a definição de uma metodologia que norteasse o trabalho de investigação, mas que não limitasse as

possibilidades de coleta de informações. Por essa razão, traçamos uma estratégia de escuta baseada nos princípios da história oral. Além de parecer o caminho mais adequado para trabalharmos histórias de vida, é *uma opção reconhecida, que tem grande potencial democrático, já que incorpora o testemunho de setores e grupos da sociedade cujas ações são muitas vezes desvalorizadas ou marginalizadas, quando não reprimidas* (FERREIRA, 1999). Foi uma escolha que teve como objetivo dar voz aos atores e espaço à sua versão dos fatos.

O processo de coleta de dados se deu através de entrevistas abertas, de caráter biográfico. Contamos com a disponibilidade das bordadeiras de falarem sobre si mesmas, com o testemunho de familiares, além privilégio de testemunhar o processo construtivo do grupo, uma vez que o assunto tratado não foi encerrado em determinado momento da vida delas. Não falaríamos do passado, mas de alguma coisa que vem do passado, envolve vários aspectos da existência dessas mulheres e que ainda hoje se manifesta de forma definitiva. Sendo algo tão abrangente e ao mesmo tempo tão particular, as chances de sucesso através de um trabalho direcionado, seriam poucas. Somente com muita liberdade elas poderiam vasculhar os sótãos da alma e ali buscar as razões pelas quais o bordado desempenha um papel tão importante em suas vidas.

Tudo indicava que deveríamos assumir o argumento de THOMPSON (1992), a respeito da metodologia. *“Uma entrevista completamente livre em seu fluir fica mais forte quando o seu principal objetivo não é a busca de informações ou evidência que valham por si*

mesmas, mas sim fazer um registro 'subjetivo' de como um homem, ou uma mulher olha para trás e enxerga a própria vida, em sua totalidade, ou em uma das partes. Exatamente o modo como fala sobre ela, como ordena, a que dá destaque, o que deixa de lado, as palavras que escolhe, é que são importantes para a compreensão de qualquer entrevista; mas para este fim, essas coisas se tornam o texto fundamental a ser estudado. Assim, quanto menos seu testemunho seja moldado pelas perguntas do entrevistador, melhor” .

Isso não significa que a coleta de dados tenha acontecido de maneira totalmente imprevisível. Roteiros curtos, que não eram apresentados ao grupo, evitavam que informações importantes deixassem de ser mencionadas e outras repetidas, já que cada vez que elas voltavam a tocar em uma história já relatada, dados novos eram acrescentados. Muitas vezes, as informações se mostravam contraditórias e resultavam em longas e estéreis discussões entre as cinco mulheres, até que uma decidisse ceder, o que impedia que se compreendesse exatamente o fato que estava sendo relatado. A resolução desses impasses vinha, em geral, de uma conversa paralela com cada uma delas. Descartado o aspecto da ‘disputa’, cada narradora ficava livre para colocar a sua versão do fato que havia provocado o tumulto. Esse tipo de circunstância nos leva ao seguinte pensamento: *“a memória é um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados. Em vista disso, as recordações podem ser semelhantes, contraditórias ou sobrepostas. Porém, em hipótese alguma, as lembranças de duas pessoas*

são – assim como as impressões digitais ou, a bem da verdade, como as vozes – exatamente iguais”. (PORTELLI, 1997c)

Evitar divergências a respeito de um mesmo acontecimento afasta o risco de o pesquisador assumir uma postura dedutiva diante da dúvida. HAGUETTE (1987) alerta para essa cilada quando diz que “o ‘*arbítrio*’ do pesquisador representa sua mais pesada carga de responsabilidade, se admitirmos a complexidade e incomensurabilidade do real e o fato de que ele apenas faz uma ‘*leitura*’ deste real”. No caso dessa pesquisa, fugir da duplicidade de informações foi a garantia de que a história das bordadeiras continuaria nas mãos delas. Afinal, “os significados que elas davam a gestos e palavras não eram os mesmos significados que os meus” (HOCHSCHILD, 1972). No entanto, é necessário que se esclareça que, desviamos de situações que poderiam deixar confuso ou impreciso um determinado episódio vivido conjuntamente. Do ponto de vista das experiências individuais, jamais nos afastamos da certeza de que cada pessoa conta não apenas o que fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez. O valor da narrativa está no fato de ser única. (KHOURY, 2001).

Nas reuniões que realizamos, as histórias foram contadas de maneira espontânea, sem que fosse necessária a indução de um tema . Bastava lembrá-las de que forma o assunto havia sido interrompido no último encontro. Uma ligeira insinuação era suficiente para que elas retomassem o trabalho do ponto em que haviam parado: “na última quarta-feira, vocês falavam sobre a dificuldade que os maridos tinham de lidar com

dinheiro...”. A partir de um toque sutil estava restabelecida a simbiose mágica, entre narrador e ouvinte e se fazia novamente possível o resgate da memória, da forma como BOSI (1999) define: experiência que passa de boca a boca e que o mundo da técnica desorienta.

O grupo demonstrava saber exatamente qual deveria ser a seqüência dos relatos. As bordadeiras estabeleceram uma organização cronológica que evitava atropelos e, geralmente, permitia que cada uma falasse do momento selecionado a seu modo. Foi assim, por exemplo, quando começaram a falar sobre a vinda para o Brasil, as dificuldades que enfrentaram durante a viagem de navio ou sobre o nascimento de um filho. Essas histórias particulares permitiram a cada uma delas apresentar-se de maneira individual, singular, original.

O episódio da travessia, assim como outros momentos da vida, retornaram com profunda carga de emoção que se revelava na entonação da voz e nas expressões que se instalavam no rosto daquelas mulheres. Tem razão Walter Benjamin quando afirma que a memória é a mais épica de todas as faculdades. Para o grupo, não bastava recordar. Elas queriam estar seguras de que o ouvinte conseguiria perceber o valor daquilo que estava sendo relatado. Assim, as histórias do passado foram liberadas com toques de mistério e drama. *“Ondas enormes cobriam o navio”, “pensei que morria antes de chegar ao Brasil”, “meu Deus, não sei como agüentei tudo isso!”.*

O grupo, de forma geral, queria falar sobre a sua atuação na comunidade, o seu papel na cultura da cidade e a influência que exerceram no país que escolheram para morar. Sabem que, como bordadeiras, correm

o risco de serem esquecidas e, por isso, demonstram profundo interesse em deixar um registro para as próximas gerações. Facilitaram muito o trabalho de campo.

Além dos aspectos já colocados, vale ressaltar que a análise de um grupo de mulheres, a partir do ponto de vista delas mesmas, deu legitimidade aos fatos. No caso, não importa se houve re-interpretação dos acontecimentos ou se a elas foram agregados valores de acordo com o interesse das narradoras (HAGUETTE, 1987). Em última instância, o trabalho assegurou espaço para que aquelas mulheres exercitassem sua cidadania e deixassem o anonimato. Ao relatarem suas experiências, as bordadeiras demarcaram o seu território e a sua função na sociedade mediante as suas próprias palavras (THOMPSON, 1992)

5.1. Ética e Respeito

Até que conseguíssemos estabelecer uma relação de confiança, as respostas fornecidas eram curtas, balbuciadas. As resistências foram sendo quebradas, durante encontros preliminares, a partir dos quais o grupo pôde compreender como e para que estaríamos trabalhando juntas. Um elemento estranho havia se infiltrado no grupo e pretendia retirar daquele universo algo muito precioso e as bordadeiras manifestavam certo temor relativo às intenções da proposta. Estabelecemos uma parceria através da convivência e da redução da distância entre as partes. Cada uma de nós foi até o meio

do caminho e depositou ali um pouco de si. Ultrapassadas as fronteiras culturais, sociais e geracionais, nos habilitamos todas a formar um novo círculo, mais amplo, porém, temporário.

Havíamos definido um arco preciso de responsabilidade. A gravação dos depoimentos e o registro de imagens deveriam ser realizados mediante um padrão de comportamento que não perdesse de vista o 'respeito pessoal' e o 'respeito intelectual' (PORTELLI, 1997b). Não interessava divulgar qualquer informação que causasse desconforto, prejudicasse ou ofendesse de alguma forma as pessoas envolvidas no projeto.

O compromisso foi além das questões éticas ou legais. Conseguimos definir limites e enxergar os seres humanos que estavam acima da tarefa acadêmica. Coube, nesse aspecto do trabalho, atentar para a seguinte reflexão de PORTELLI (1997b): como somos agentes ativos da história e participantes do processo de fazê-la, cabe-nos situar a ética profissional e a técnica no contexto de responsabilidades mais amplas, tanto individuais e civis como políticas.

Para tanto, foram discutidos previamente, os modelos para a realização da pesquisa e do uso do material coletado. As regras estavam previstas no termo de consentimento livre e esclarecido, assinado pelas cinco mulheres. O documento delimita possibilidades, restrições, os fins e os meios para a coleta e manipulação das declarações e imagens. Não se opuseram à utilização de gravador, câmera fotográfica e filmadora. O uso do nome real de cada uma atende a uma solicitação do grupo.

Os blocos de anotação foram utilizados apenas no princípio e dispensados logo em seguida. Interromper a narrativa para conferir um dado que havia escapado cortava o assunto e, em geral, ele não era retomado depois. O diário de campo, inclusive, não aparecia nas reuniões. As descrições, impressões e intuições foram registradas depois das reuniões.

Todos os encontros foram gravados e/ou filmados, uma maneira de dar segurança a quem falava, a quem ouvia e garantir a fidedignidade dos depoimentos na hora da transcrição. Mantivemos a mesma postura descrita anteriormente com relação ao uso do gravador e da filmadora. As bordadeiras se mostravam à vontade na presença dos equipamentos eletrônicos, mas sempre que solicitado, as máquinas foram desligadas. Isso aconteceu várias vezes, quando elas se sentiam indiscretas ao comentar sobre a vida de um filho, um vizinho ou sobre a política local. Eram assuntos permitidos, mas não deveriam ser registrados. “São coisas entre nós. Não têm nada a ver com as questões do bordado”, diziam elas.

Desta forma, o trabalho foi-se desenrolando na direção do objetivo estabelecido inicialmente, mas os caminhos foram definidos, em grande parte, segundo os desejos e necessidades do grupo, que não aceitou ser simplesmente objeto da pesquisa. Interferiu, sugeriu e dirigiu, mais uma vez, o roteiro da sua própria história.

5.2. Documentação

Participar dos encontros semanais entre as cinco bordadeiras, muitas vezes sem exigir, sem conduzir, sem questionar deixou-as mais relaxadas e a vontade para tomar algumas iniciativas. Tinham elas em comum o desejo de trazer fotografias, reportagens sobre o trabalho que realizam e documentos antigos que motivassem recordações e que atestassem parte do seu passado. Com isso, davam claras demonstrações de vaidade e orgulho de si mesmas. Sentiam-se felizes por se mostrarem jovens, bonitas e bem vestidas, em geral, com belos trajes confeccionados por elas, o que fazia da apresentação das imagens um momento ainda mais precioso. Elas pareciam crer que se nos interessamos pela palavra, interessamo-nos também pela imagem, já que a fotografia desempenha também papel de suporte da memória (GRANET-ABISSET, 2002). Era como se quisessem colar os relatos nas fotos e, desta forma, materializar, transformar as histórias contadas em verdade palpável.

A iniciativa de trazer os documentos foi, sempre, delas. Quando exibiam fotos, passaportes, vistos de entrada no Brasil, resgatavam suas origens, mostrando aquilo que haviam conseguido conservar com elas. Eram atitudes absolutamente espontâneas, mas que demonstravam enorme consciência do papel da pesquisa, como instrumento de recuperação, de registro e de perpetuação delas mesmas. As bordadeiras, definitivamente, não querem ser esquecidas pela história e essa postura vai ao encontro do pensamento de PY (1999), sobre inserção da pessoa idosa na comunidade: *“encontrar seu lugar no grupo era o primeiro passo para o trabalho psíquico*

da identidade, onde o reconhecer-se se dava na medida em que ia sendo reconhecido pelo outro. Podia descobrir-se, assim, como indivíduo, sua peculiaridade absolutamente singular, construindo formas de integração nesse grupo e gestando formas de participação social, como sujeito histórico”.

Desta forma, pudemos agregar ao trabalho cópias de alguns documentos trazidos de Portugal, dos primeiros tirados no Brasil, fotografias antigas dos pais e dos maridos, receitas e bilhetes escritos por elas.

5.3. Fotografia

Chamava bastante a atenção, o fato de aquele grupo de mulheres idosas não perder de vista o cuidado com a aparência. Preparar-se para estar diante de alguém, para participar de um evento ou, simplesmente, para andar pela rua é uma preocupação presente. E, assim, ficou absolutamente justificado o fato de que, nas sessões de fotos, as bordadeiras sempre estiveram vestidas e penteadas com muito mais capricho do que nos dias em que nos encontrávamos apenas para conversar.

A presença do fotógrafo, inclusive, enchia de sensualidade o ambiente. Estava ali um homem, que lembrava os maridos e filhos homens e, mesmo sendo um desconhecido, era tratado com alguma deferência, o

que trazia à tona um traço importante da natureza daquelas mulheres. Foram tardes em que a relação se fechava entre elas, o fotógrafo e a câmera. O prazer de estarem bem arrumadas, de serem fotografadas e observadas pela ótica masculina devolvia ao grupo uma doçura, uma graça e atitudes tão brejeiras, que só poderiam ser resgatadas nos registros da juventude, uma situação que trazia muita alegria àquelas senhoras.

Assim que percebemos a descontração com a qual as bordadeiras lidavam com as câmeras, optamos por incluir no trabalho final um capítulo imagético que pudesse *oferecer chaves de leitura e dar suporte a conhecimentos já inventariados*, duas importantes funções da fotografia na elaboração de um documento histórico. Através desse recurso, o discurso ganharia um rosto que *se deixou fotografar, que queria fazer-se ver* (GRANET-ABISSET, 2002).

Várias fotos foram sacadas de maneira aleatória. Mas a partir da decisão de montarmos uma pequena galeria, consideramos mais adequado recorrer a um especialista. Incluiríamos o material elaborado nas primeiras reuniões e daríamos destaque às imagens elaboradas com conhecimento e técnica. Além de bom profissional, teria que ser alguém com sensibilidade suficiente para perceber que mais do que traços, havia palavras. E, atrás de tudo isso, estava um precioso silêncio onde residia o teor da imagem que deveria ser registrada. Na hora da escolha, o amigo Marcos Piffer envia o poema O Fotógrafo, de Manoel de Barros:

*...Vi uma lesma pregada na existência mais do que
na pedra.*

Fotografei a existência dela.

Vi ainda um azul-perdão no olho de um mendigo.

*Fotografei o perdão.
Olhei uma paisagem velha a desabar sobre uma casa.
Fotografei o sobre...*

Assim, ele fotografou as bordadeiras do Morro São Bento e tudo de lindo que havia no coração delas. São quadros que encheram de energia as palavras, *pois a narração, em seu aspecto sensível, não é de modo algum o produto exclusivo da voz. Na verdadeira narração, a mão intervém decisivamente, com seus gestos, aprendidos na experiência do trabalho, que sustentam de cem maneiras o fluxo do que é dito* (BENJAMIN, 1987).

Com as imagens, a pesquisa encerra a parte realizada diretamente com as bordadeiras, fechando um círculo completo em torno de cinco mulheres que, sem nenhum mistério, usam a voz e o olhar para falar da suas vidas e da sua arte.

6. PERFIL DAS BORDADEIRAS

6.1. Isabel da Paixão Fernandes de Andrade

- Data de nascimento: 28 de outubro de 1928
- Local de nascimento: Ilha da Madeira, Funchal (Ribeira Braba - zona rural)
- Chegou ao Brasil: com 22 anos, no navio Serpa Pinto
- Estado civil: viúva
- Escolaridade: analfabeta
- Estrutura familiar atual: 2 filhos, 3 netos, 1 bisneta
- Estrutura familiar anterior: mãe viúva, 9 irmãos
- Atividade anterior à imigração: bordado
- Atividade depois da chegada ao Brasil: atividades domésticas e bordado

Dona Isabel está entre as bordadeiras mais velhas do morro, mas não aparenta a idade que tem. É magra, tem o passo firme e a expressão severa. É dessas mulheres comuns que são altivas como rainhas. Quando está diante do linho, quase não se ouve a sua voz mas, se não está bordando, cruza os braços e as pernas e conversa longamente. Conta casos de forma apaixonada e muda a expressão do rosto milhares de vezes.

Descreve qualquer acontecimento corriqueiro com detalhes e ainda carrega com ela um forte sotaque da Ilha da Madeira, o que

confere aos seus relatos um ritmo todo especial. Ao se aborrecer, esquece a mágoa em segundos. Nos conflitos, se recolhe. É uma mulher simples, cujos recursos para enfrentar as mazelas do destino foram retirados da própria vida. Fala com orgulho da filha, que lhe deu netos doutores e com carinho do varão que “é muito cuidadoso com ela”.

O bordado sempre fez parte da sua história. Com seis anos, aprendeu a fazer bolinhas e haste. Com um pouco mais de idade, passou a bordar letras nos lencinhos. Já mocinha, começou a bordar cortinas grandes junto com a mãe, as irmãs e outras mulheres da família. Todas as tardes, cada bordadeira pegava em uma ponta do tecido. Diz que a vida na Ilha da Madeira foi boa, enquanto o seu pai era vivo. *“O meu pai era trabalhador, plantava batata, trigo e feijão e enchia aquelas caixas grandes. Ele comprava peixe, espetava em umas canas fininhas que havia por lá, salgava tudo aquilo. Nunca faltava nada para a gente comer”*. Depois que ele morreu, ninguém quis trabalhar na fazenda. As mulheres da casa passaram a bordar para garantir a sobrevivência da família e a mãe acabou vendendo tudo o que tinha para sustentar os 9 filhos. Foram tempos difíceis.

Os anos passaram e D. Isabel conheceu um rapaz com quem começou a namorar. A mãe não queria o casamento. *“Lá era uma ignorância. A pessoa mais pobre não podia casar com a que tinha mais um pouco, de jeito nenhum. E ele tinha menos. Mas ele era*

trabalhador, trabalhava na cidade, e eu me casei mesmo sem a minha mãe gostar”.

D. Isabel estava grávida, quando o marido resolveu vir para o Brasil, convidado pelo irmão que já estava trabalhando aqui. Ele partiu e, um ano e meio depois, ela e a filha, Carmem, pegaram o navio Serpa Pinto, com destino a Santos. As duas passaram muito mal durante a travessia. *“Foi a última viagem que aquele danado fez. Era um navio muito velho. O meu marido veio em um que era ainda pior do que o meu. Levou mais tempo”.*

D. Isabel chegou no dia 22 de abril, com 22 anos de idade. Chovia muito, o mar estava agitado, com ondas altas e o navio atrasou, não pôde entrar no canal. Então, o marido pegou o barco de um amigo e foi vê-las na barra. Quando o navio conseguiu atracar, ela e a filha desembarcaram e foram muito bem recebidas pela família. *“O meu marido me tratou tão bem, eu e a minha filha... ele já tinha um quartinho prá gente morar, estava trabalhando e arrumando os documentos, o modelo 19”.* O marido trabalhou muitos anos como copeiro, no Hotel Glória *“e era um homem tão bom que ficou muito amigo do patrão. O patrão adorava ele e chegou até a emprestar dinheiro para a gente fazer a nossa casa, aqui no morro”.* Ficou no mesmo emprego durante 20 anos, desde que chegou a Santos. Depois, foi para uma loja de ferragens, como ajudante de caminhão. *“Na Ferreira de Souza ele trabalhou 18 anos. Mas lá ele mudou bastante. Começou a beber e bebeu, mesmo. A gente vai dizer que não?”.*

Essa maneira de falar do marido e do casamento diferencia D. Isabel das outras bordadeiras. Romântica, ela diz que a vida acabou quando o marido morreu. As outras debocham: *D. Isabel, a sua acabou e a nossa começou*. Sem se importar com a brincadeira, ela segue lamentando a falta que ele faz. *“Quando o meu marido morreu, foi-se o rei do meu coração. Foi o único homem da minha vida, o único marido, o único namorado. Ele faz uma falta danada. Às vezes, eu estou assim quieta, fico com falta de brigar. Quando ele ia para o bar, a gente brigava. Eu dizia que ele ia estragar a saúde dele e ele não gostava. Dizia: tu ainda vais antes e eu vou te fazer um enterro de primeira. Um dia, ele já estava doente, me disse que queria tomar um banho, mas estava cansado. Eu peguei ele, dei-lhe um senhor banho e tomei banho também. Ele ficou todo feliz, todo feliz. Eu disse: mas tu não estavas cansado? Ele falou: ah, mas eu queria tomar banho contigo”*. Todas gritaram, zombaram, riram demais, como jovens meninas, falando das suas primeiras travessuras amorosas. Ela apenas sorri, com o olhar melancólico.

D. Isabel acha que foi bom ter saído de Portugal. *“Quando cheguei, olhei para o meu marido e perguntei: mas o Brasil é assim? Gostei do Brasil. Sempre bordei e ajudei o meu marido. Para dizer a verdade, não passei fome aqui. Nunca disse: hoje eu não tenho dinheiro para comprar um pão. Adorei esse país”*. Na verdade, D. Isabel teria sido feliz em qualquer parte do mundo, desde que tivesse o marido de um lado e a sacola de bordados do outro.

6.2. Beatriz de Freitas Leão Pereira

- Data de nascimento: 19 de outubro de 1924
- Local de nascimento: Ilha da Madeira, Funchal, zona urbana
- Chegou ao Brasil: com 26 anos, no navio Serpa Pinto
- Estado civil: viúva
- Escolaridade: cursou o 1º ano primário
- Estrutura familiar atual: 4 filhos, 4 netos, 3 bisnetos
- Estrutura familiar anterior: 6 irmãos
- Atividade anterior à imigração: bordado
- Atividade depois da chegada ao Brasil: atividades domésticas, bordado, venda de roupas e cosméticos a domicílio

Dizem que é nos menores frascos que estão os mais fortes perfumes. Essa é uma grande verdade em se tratando de D. Beatriz. Sua personalidade não cabe no corpo minúsculo. É autêntica, sorridente, debochada, arrojada e atrevida. Sabe exatamente o que quer e o que precisa fazer para conseguir. Não tem medo de nada, a não ser de papéis que ela tenha que assinar.

Experiências passadas fizeram dela uma mulher precavida. Cuida de si e do que é seu com fúria. Assim, ela também tratou o bordado. Defendeu a idéia da União das Bordadeiras do Morro São Bento, encabeçou o movimento para que a associação fosse viabilizada, montou o curso de bordado na Sociedade de

Melhoramentos do Morro e ajudou a elaborar o calendário de exposições. Não faz nenhum tipo de concessão no que se refere ao preço do seu trabalho. *“Sabe qual é a minha faculdade? Eu tenho faculdade de vida. Só ler e escrever não é suficiente. A gente tem que ter energia e pensar positivo. Se eu quiser alguma coisa eu vou em cima e pego”*.

D. Beatriz é, sem dúvida, uma mulher de fibra. Não milita em nenhum partido, mas gosta de fazer política e sabe como fazer. Se as calçadas estão precisando de reparos ou falta coleta de lixo em algum canto do morro, ela não hesita, vai ao poder público e cobra providências. Se alguma família do morro está em apuros, convoca os comerciantes e as pessoas da comunidade. *“Eu sozinha endireitava esse país. Fazia quem nem o Lula. Mas um dia ainda vou abraçar o Lula, ah vou”*.

D. Beatriz se expressa com frases afiadas e um sotaque divertido. Na pressa, vai colocando todas as palavras no masculino. Não gosta de deixar assuntos pela metade. Corre atrás do ouvinte, se for necessário, para contar o caso até o final. Diz assim: *“nessa vida, não tem palavra que tenha ficado guardada dentro de mim”*.

Na relação com as outras bordadeiras, essa franqueza atrapalha um pouco. D. Beatriz fala o que tem para falar, sem se preocupar com a forma. Às vezes se arrepende e, ao seu modo, pede desculpas. Quando sente que exagerou, faz cara de criança levada, solta uma gargalhada e tudo volta para o lugar. Só não há hipótese de

perdão, quando se trata do bordado. *“Eu não fico de mal fora do bordado, mas no bordado, não brinque comigo. Se é safadeza, leva”*. Safadeza para ela é *“passar na frente dos limites que foram combinados”*. Isso se refere ao valor das peças, comparecimento às exposições e respeito às regras. Qualquer contravenção tira D. Beatriz do sério e, aí, salve-se quem puder.

É possível compreender a sua intransigência, quando ela começa a falar sobre o seu trabalho. *“O bordado é a minha paixão. Eu tenho amor e carinho àquele que me protegeu na vida e agradeço aos meus pais que me souberam educar”*.

D. Beatriz bordou a vida inteira e ainda passa muitas horas do dia com o dedal na mão. Diz que está acostumada a trabalhar bastante. Na Ilha da Madeira, o pai mandava as meninas para a cama cedo, não deixava ninguém bordar à noite.. *“A gente ia para o quartinho, apagava-se a luz que naquele tempo era de querosene de petróleo. De madrugada, ele estava ressonando, dormindo, a gente acordava às 3, 4 horas, acendíamos a luz e bordávamos. Ele falava assim: quem é que está aí com a luz acesa? Caladinha, que ele não chegava lá, que era um sobradinho. E a gente bordava o tempo todo e ninguém falava”*.

Esse jeito maroto de contornar as situações para alcançar os seus objetivos foi um grande aliado na vida de D. Beatriz. Ela ficou viúva cedo, com apenas 10 anos de casada, e teve que criar os filhos sozinha. *“Sempre vendi tudo o que eu bordei e nunca tive um calote. Eu descia morro abaixo e vendia para os donos de loja. Primeiro, fazia*

amizade com eles, entrava, cumprimentava, comprava o pano e os deixava contentes. Eu pensava: ele vende, então, depois vai comprar. Era muito engraçado. Eu usava de malícia com eles e eles deixavam cair na minha”.

D. Beatriz diz que pretende bordar até 90, 100 anos. *“Se eu morrer amanhã, eu bordei hoje. Passa um e avisa: amanhã vais morrer. Tudo bem, hoje eu ainda vou acabar o bordado”.*

6.3. Maria Teresa Gonçalves Pestana

- Data de nascimento: 1 de dezembro de 1937
- Local de nascimento: Ilha da Madeira, Funchal, zona urbana
- Chegou ao Brasil: com 21 anos, no navio Charles Telier
- Estado civil: viúva
- Escolaridade: 1º grau completo
- Estrutura familiar atual: 2 filhas, 4 netos
- Estrutura familiar anterior: pai, mãe, 8 irmãos
- Atividade anterior à imigração: bordado

- Atividade depois da chegada ao Brasil: atividades domésticas e bordado

D. Teresa é a diretora da União das Bordadeiras do Morro São Bento e é, de todas, a mais jovem. Lidera o grupo como o equilibrista chinês, que mantém os pires girando no alto das varetas, sem deixar que eles caiam e se quebrem. Com sua calma e extrema sensatez, D. Teresa controla e contorna os conflitos. Em momentos de tensão, o seu olhar procura o linho e é no bordado que busca a maneira certa de interferir.

Delicada no comportamento e precisa nas atitudes, é ela quem agrega, faz os contatos e conduz as decisões do grupo com relação ao trabalho, entrevistas e convites. Todos os encontros, durante o período da pesquisa, foram realizados no pátio de sua casa, que fica em uma linda alameda de pedras, no alto da montanha. Ali, as bordadeiras se deixaram ver rindo, chorando, brincando e brigando. Foram momentos ricos que sempre terminaram em torno da mesa do lanche, com um brinde de guaraná ou licor.

Foi difícil para todos nós, quando D. Teresa anunciou que deixaria o morro, a pedido das filhas. Estava de mudança para o bairro do Marapé, mais próximo da família e, naquela tarde, confessou que ela já não se sentia segura quando, nas noites de ventania, ficava sozinha na encosta do São Bento. D. Teresa está feliz na casa nova, mas deixou um espaço vazio no morro. Dizem as companheiras, que

para não magoar as filhas, ela não se queixa e garantem que, no fundo do seu coração, a saudade do São Bento chora baixinho.

D. Teresa é mulher de dois amores: a família e o bordado. Envolve-se tão intensamente com eles, que fica difícil saber qual vem primeiro. A relação com filhas, netos e genros implica zelo, afeto, solidez e respeito. Sempre que possível estão todos juntos e demonstram bastante intimidade e preocupação uns com os outros. Já com o bordado o sentimento é mais reservado. O contato se dá entre ela e o linho e o resultado da fusão entre os dois é um mistério que só pode ser desvendado pelas outras bordadeiras. *“Eu acho que o bordado significa muito para mim e para qualquer portuguesa. Parece que quanto mais a gente borda, mais gosta. Eu estou com essa idade e cada vez gosto mais da minha profissão”*.

O seu compromisso com o bordado é diário, mas sem horário determinado. *“A gente já faz o café na hora certa, o almoço, prá poder sentar num cantinho sossegada e render mais”*. Depois que chegou no Brasil, D. Teresa nunca mais foi a Portugal. Diz que não tem muita vontade, porque já não tem ninguém morando lá. No entanto, quando borda, enche o coração de recordações que trazem de volta os tempos na Ilha da Madeira, a família, e como aprendeu a dar as primeiras laçadas. Quando ouve alguma canção lusitana, também se emociona. *“A gente lembra da nossa terra, lembra demais. É uma tradição muito bonita. A gente nunca esquece”*.

D. Teresa casou-se com um cozinheiro, homem muito mais velho que ela. A diferença de 19 anos era motivo de ciúme que, segundo as amigas, ele não disfarçava. Não gostava quando ela saía de casa para vender os seus bordados e provocava dizendo: *“você já vão namorar, não é, mesmo?”*. D. Teresa diz que não ligava e saía assim mesmo, tanto que fez parte do movimento para recuperar o prestígio do bordado e acabou dirigindo a União das Bordadeiras, desde a sua fundação. Ela se justifica, dizendo que os maridos tinham que aceitar o bordado, porque todas as portuguesas adoram a sua profissão. *“Às vezes o meu marido reclamava, porque eu gostava de bordar um pouquinho à noite e ele gostava de dormir cedo. Mesmo contra a vontade dele, eu sempre ficava bordando até umas 10, 10 e pouco. Era um dinheirinho que entrava e dinheiro nunca é demais”*.

Na tentativa de aproximar os seus dois amores, D. Teresa parece ter sido a que mais incentivou as filhas a bordar. *“O tempinho que sobrava, eu punha as duas ali comigo, bordando. Faziam bolinhas, ponto haste e caseado. Elas sabem fazer, mas deixaram de bordar. É uma profissão que não dá dinheiro. Para nós, que fomos acostumadas nisso, tá bem”*.

D. Teresa diz que acha uma pena que o bordado, que *“é uma coisa rara”*, vá desaparecer do morro São Bento. Ninguém mais quer aprender e nem empatar dinheiro no material, sem uma previsão de retorno. Apesar disso, ou até por causa disso, ela mantém com o seu trabalho um compromisso de lealdade e, para poder cumpri-lo, faz uma

prece: “espero que Deus me dê muitos anos de vida para eu continuar bordando”.

6.4. Maria Alexandre Fernandes

- Data de nascimento: 29 de outubro de 1934
- Local de nascimento: Brasil, Santos, Morro do São Bento
- Estado civil: viúva
- Escolaridade: 1º grau completo
- Estrutura familiar atual: 3 filhos, 8 netos, 2 bisnetos
- Estrutura familiar anterior: pai, mãe, 1 irmã, avô e avó

Dentro do grupo, D. Maria Alexandre se destaca por algumas singularidades. A única bordadeira que não nasceu na Ilha da Madeira guarda, no coração, as tradições herdadas dos antepassados que vieram de lá, como se fossem um tesouro. D. Maria é a brasileira mais portuguesa do São Bento. Borda, cozinha e fala da vida como uma madeirense legítima.

Nasceu no morro, onde morou com os pais e os avós. A família foi uma das pioneiras naquela região. *“Eu fui uma das primeiras filhas que nasceram aqui e já estou com 68 anos. Isso já faz muitos anos”.*

Assim que chegou de Portugal, o pai alugou um sítio grande, no Largo do Machado, no alto do São Bento. Plantava mamão, banana, laranja e chegou a ter uma pequena criação de porcos, para consumo

da família. *“Ele também era ensacador de café, trabalhava na Rua Gonçalves Dias, em um armazém chamado Gerais 4. Trabalhou muitos anos carregando saco, não tinha máquina, era tudo carregado nas costas. Eram sacos com 60 quilos de café. Às vezes ele ficava tão ruim, coitado!”*.

A mãe, bordava para as fábricas de São Paulo. Como cabia a ela ganhar para pagar o aluguel do sítio, as filhas, embora bem pequenas, tinham que ir adiantando o trabalho, enquanto ela cuidava das tarefas da casa. As crianças faziam as bolinhas, a haste, punham linha nos caseados. A mãe fazia os pontos cheios, que era o trabalho mais fino, de acabamento. *“Eram 6, 7 jogos a cada duas semanas. Hoje em dia falam que as crianças não podem trabalhar. Mas, naquele tempo, as crianças ajudavam as mães e os pais”*.

Hoje, D. Maria vive na mesma casa onde cresceu, ao lado de um dos filhos, a nora e os netos. Sempre se dedicou às tarefas domésticas: quando solteira, ajudava a mãe; depois de casada, cuidou de sua família; e, agora, como avó, ajuda a criar os netos, providencia as refeições, fiscaliza os horários e acompanha as crianças até o colégio. Das bordadeiras foi a que freqüentou a escola por mais tempo. D. Maria é criatura doce, que não economiza gentilezas.

O jeito meigo combina com o seu bordado exclusivo. Só trabalha com cambraia e só faz enxovais para bebê. São peças pequenas, delicadas, suaves, como é D. Maria. Ela tem pela *“amiga*

Tereza” uma grande admiração e sofreu muito quando ela se mudou do morro.

D. Maria tem voz de criança, a fala mansa e muita esperança. Sempre acredita que os dias que estão por vir serão generosos com ela e suas parceiras. Durante longas temporadas, o bordado não devolve a elas nem as passagens de ônibus. Mas, assim que alguém vende um lencinho, ela suspira aliviada: *“olha aí, as coisas já vão melhorar”*. E, com esse pensamento, ela foi tocando a vida dura que teve com o marido, a quem ela se refere como *“meu velho”*.

As lembranças do tempo de casada não são boas. O marido *“era do comércio, fazia serviços de rua, ia a bancos”* e ficou bastante tempo desempregado. Para manter os pagamentos em dia e a mesa servida, D. Maria bordava sem parar. Embora o marido soubesse que a manutenção da casa e a sobrevivência da família estavam nas mãos da mulher, ele não permitia que sua esposa fosse para a rua vender os bordados. A saída era contar com a ajuda de D. Tereza, que levava as peças e trazia o dinheiro e se sujeitar às fábricas de São Paulo, que exigiam demais e pagavam muito pouco para a mão-de-obra.

A casa da família foi herdada por ela. *“A mãe faleceu e a casa acabou ficando para mim. Para a minha irmã, não, porque ela está bem de vida, graças a Deus. Casou com um português. Mas eu casei com o meu brasileiro, pobrezinho... português é mais seguro”*. Além do pouco dinheiro, ela teve que enfrentar o vício do marido. Por isso, quando as bordadeiras brincam, umas com as outras, falando sobre a chance de

um novo casamento, D. Maria foge da conversa: *“a gente não sabe se vem uma coisa boa ou ruim. E, ruim, eu já tive muita experiência. Não é qualquer uma que atura, porque ele bebia e eu segurei as pontas. Ele foi o primeiro e o último. Tadinho, ele não era ruim, mas com a bebida, ele me maltratava muito”*.

O casamento durou 47 anos e, logo que ficou viúva, D. Maria entrou para a União das Bordadeiras e começou a participar de todas as atividades. Entre uma obrigação e outra, reserva tempo para preparar peças novas para as exposições. *“Mesmo quando não está vendendo muito é bom a gente estar com tudo em dia. As pessoas passam, olham, acham bonito. E, se alguém quiser comprar, está ali, prontinho”*.

As netas de D. Maria não sabem bordar. Ela é a última bordadeira da família e lamenta que o trabalho que deu sentido à sua vida vá desaparecer do morro São Bento. Por isso, diz que vai bordar até quando puder. Segundo a promessa que fez para a neta mais nova, o dia de se aposentar ainda está bem longe.

Na semana passada, eu tive uma encomenda e, quando terminei, fui lavar o joguinho. Passei, engomei, a minha neta chegou e disse: vó, que coisa mais linda! Eu vou querer que você faça um desses prá mim também. Eu disse para ela: quando chegar a sua hora, se a vovó enxergar, faz, sim. Não sei daqui há quantos anos, mas eu vou fazer, sim”.

6.5. Maria Paixão de Abreu

- Data de nascimento: 29 de março de 1950
- Local de nascimento: Ilha da Madeira, Funchal, zona rural
- Chegou ao Brasil: com 21 anos (não se lembra em que navio)
- Escolaridade: analfabeta
- Estrutura familiar atual: 3 filhos, 7 netos, 2 bisnetos
- Estrutura familiar anterior: pai, mãe, 8 irmãos
- Atividade anterior à imigração: trabalho na roça e bordado
- Atividade depois da chegada ao Brasil: atividades domésticas e bordado

D. Maria traz a paixão no nome e no coração. Paixão pelo bordado e pela família, que trabalha incansavelmente: ela, bordando no linho, e as filhas e netas, fazendo crochê e pintura em panos de prato. Ainda hoje, as mulheres garantem parte do sustento da casa. Por conta disso, D. Paixão introduziu peças que nada têm a ver com a tradição da Ilha da Madeira nas exposições de domingo, o que causou alguma tensão no grupo. As companheiras reclamaram, conversaram, pediram. Ela fingiu que não ouviu, ignorou o mal-estar e seguiu levando e vendendo o material. As outras, apesar de bastante contrariadas, resolveram abandonar essa briga.

D. Paixão é a mais frágil das bordadeiras. É comum ouvi-la se queixando da saúde e do peso dos remédios no orçamento doméstico.

Mas, apesar das dificuldades, inclusive para se movimentar, não deixa de participar das exposições e é uma vendedora determinada, insistente. Ela foi a bordadeira que menos participou dos encontros para a realização da pesquisa. Por suas limitações físicas evita as ladeiras do morro e, em especial, o caminho íngreme que leva à antiga casa de D. Tereza. Assim, as conversas com ela “aconteciam aos picados”, como ela diz, durante as exposições, longe do São Bento.

Para completar a coleta dos dados individuais, foi marcada uma entrevista, na casa de D. Paixão. Ela vive na direção contrária das outras bordadeiras, em uma região que foi ocupada mais recentemente; é uma área do morro que não tem vista para a cidade e já não se nota, nas edificações, nenhuma influência da colônia portuguesa.

D. Paixão mora sozinha, mas cercada pelas filhas. Uma delas vive nos fundos de sua casa e a outra, na mesma alameda, alguns metros para baixo.

No dia combinado, a filha mais velha veio até a casa para saber como seria feita a pesquisa e uma das netas ficou para acompanhar a visita. Ana Carla é enfermeira, o irmão é professor de matemática e faz mestrado na PUC de São Paulo. Ela passou a tarde por ali, sem demonstrar muito entusiasmo, até um pouco à margem do que estava acontecendo. Provavelmente, já havia escutado aquelas histórias, inúmeras vezes.

A vida de D. Paixão foi bastante dura. O marido precisava de uma namorada para facilitar a tramitação dos documentos para vir para o Brasil. Os amigos disseram a ele que homens comprometidos recebiam a “carta de chamada” com mais facilidade. E assim, ela namorou, casou e mudou de país. Ele veio primeiro, e ela 15 meses depois. Desembarcou em Santos, no dia do seu aniversário, 29 de março. Naquela data, a jovem ilhoa completava 21 anos. Não gostou de sair de lá e fala da Ilha da Madeira com nostalgia. *“Era gostoso”, “é muito bonito por lá”, “hoje, lá está muito melhor do que aqui”.*

D. Paixão não voltou para Portugal. *“Nunca mais deu para ir lá. De que jeito? Eu não tenho vergonha de falar. Mas era alguém fazer anos - o marido, um filho - e eu não tinha dinheiro para comprar um guaraná. Não tinha, mesmo. Naquele tempo era um sacrifício...”.*

Assim como as companheiras, aprendeu a bordar com 5 anos e passava as tardes com o dedal na mão, fazendo bolinhas, ao lado da mãe, das irmãs, das tias e de uma vizinha. Diz que naquele tempo, as mulheres ganhavam mais no bordado do que os homens no campo. As bordadeiras recebiam lotes de 25, 50 dúzias de jogos de lençóis. *“Olhe, se ganhava dinheiro, viu?”.*

Logo que chegou em Santos, o marido trabalhou aqui e ali, até que conseguiu uma vaga como ensacador de café. Dez anos depois, um acidente muda a vida da família. *“Ele estava no armazém e caiu de uma pilha a 28 de alta. Nunca mais teve saúde. Bateu a cabeça, aí, não teve jeito, mesmo”.* Ana Carla explica que o avô caiu de cima de uma

pilha de sacas de café, com mais ou menos 30 metros de altura. Bateu as costas e a cabeça e, a partir de então, passou a vida muito doente.

Com três filhos pequenos, um marido inválido e uma aposentadoria miserável, D. Paixão bordava no pouco tempo que sobrava, entre uma consulta e outra. Corria de médico em médico à procura de ajuda para o marido, que acabou ficando em uma cadeira de rodas por quatro anos, até que conseguisse ser operado. *“Fomos para São Paulo, numa clínica, perto do Ibirapuera. Pensei, isso vai ser caro. Eu perguntei quanto tinha que pagar pelas radiografias, disseram 21 mil. Eu tinha comigo o dinheiro de toda a família, era 7.500. Não tinha mais. Eu falei para a mulher que me atendeu qual era o meu problema. Mas, olha, era uma gente agradável, que eu vou contar. Ela me mandou fazer a ficha e ele fez todos os exames. Ela estava esperando criança e eu pensei: olhe, se fosse perto eu ia lhe dar um bom presente, mas era tão longe...”*

O marido, finalmente, operou a coluna, voltou a andar, mas continuou com a saúde debilitada e nunca mais trabalhou. Desmaiava com frequência e D. Paixão, com seu corpo franzino, tinha que ergue-lo do chão.

Como se não fosse bastante, certa vez uma enxurrada levou a casa da família, com tudo o que havia dentro. Do dia para a noite, ficaram o casal e os três filhos sem abrigo, sem dinheiro e sem lugar para morar. Uma vizinha, ofereceu o porão da casa. Sem alternativa, D. Paixão aceitou. Passaram mais de um ano vivendo ali. *“O lugar era baixinho,*

eu tinha que andar agachada. Ficamos ali, comendo e bebendo o que nos davam. E eu passei por tudo isso. Até hoje eu sou muito agradecida a essa senhora que me ajudou tanto”.

O marido de D. Paixão viveu até os 80 anos. Ela acabou ficando bastante doente. *“Eu cuidei dele, fui deixando de mim. Quando fui ao médico, ele disse que não tinha mais cura”.* D. Paixão sofre de osteoporose, gasta muito dinheiro com remédios e tem dores que a impedem de bordar muitas horas seguidas. Nem por isso, deixa de participar das exposições. Como não produz muito, reforça o seu estoque com peças de uma sobrinha que mora em São Paulo e de uma senhora que mora em São Vicente. *“Tenho pena, coitada. O marido tinha negócio, mas era cabeça dura. Não pagou para se aposentar, porque disse que não ia dar dinheiro para o governo. Ele morreu e agora ela não tem nada. A gente vende o que é possível, arruma um dinheirinho, dá prá ela. Ela fica toda contente. Mas, olhe, tem português que é burro, deixar a mulher assim...”.*

A entrevista terminou com um lanche, servido na cozinha. Ela colocou na mesa biscoitos, manteiga e uma garrafa bem grande de refrigerante.

7. TRAMANDO A VIDA E OS SONHOS

8. ANÁLISE

A seguir, faremos a análise teórica das respostas das bordadeiras a partir de três categorias que se destacaram no processo de coleta de dados: memória, trabalho e identidade.

Os três conceitos articulados entre si formam o eixo estrutural que vai conduzir a análise dos depoimentos.

8.1. Memória

Lembrar - do latim *memorare*.

Memória - faculdade de conservar a lembrança do passado ou da coisa ausente.

Recordar - trazer de volta à memória.

Caldas Aulete

“Quando um grupo trabalha intensamente em conjunto, há uma tendência de criar esquemas coerentes de narração e de interpretação dos fatos, verdadeiros ‘universos de discurso’, ‘universos de significado’, que dão ao material de base uma forma histórica própria, uma versão consagrada dos acontecimentos. O ponto de vista do grupo constrói e procura fixar a sua imagem para a História”. (BOSI, 2003)

Tomamos emprestado o pensamento da autora para falar sobre a forma como os sujeitos da nossa pesquisa estão tecendo uma memória coletiva. As bordadeiras do Morro São Bento vêm realizando um trabalho longo e minucioso de elaboração de uma imagem conjunta, porque no íntimo sabem que suas histórias de vida, separadamente, teriam espaço apenas no núcleo familiar ou nem ali. Isso pode ser percebido nitidamente no caso da morte do filho de uma delas. D. Beatriz sempre fala muito comovida sobre a perda do seu único filho homem. Mas, certa ocasião, em conversa fora do grupo, contou o acidente com detalhes e disse que quando toca no assunto com a filha, ela diz: “mãe, deixe as coisas do passado lá atrás. Vamos conversar sobre outro assunto”. Uma lembrança repleta de dor, dividida entre parentes, em geral, acaba silenciada. No entanto, junto às outras bordadeiras, é compreendida, embalada e se transforma em mais um elo que une, define e dá forma àquela comunidade. É no acolhimento do grupo que cada uma das mulheres ‘atribui significado ao seu viver’ (KHOURY, 2001). É o espaço onde se permitem

movimentar experiências boas e ruins entre o passado, o presente e o futuro. Desprezam as dimensões temporais, fundindo as várias fases da vida, sem deixar espaços vazios entre elas.

Amalgamando experiências individuais às coletivas, coincidências a divergências, semelhanças a diferenças, as bordadeiras foram se aproximando da idéia de que a memória socialmente estruturada não é um depósito de dados. É, na verdade, um processo que depende de seres humanos capazes de guardar lembranças e de ser únicos. O alinhavo que liga umas às outras, nada mais é do que a confirmação da idéia de que apesar de terem optado por contar uma história em conjunto, o ato e a arte de lembrar jamais deixam de ser profundamente pessoais (THOMSON, 1997). Figurando a circunstância, é como se as cinco mulheres tivessem erguido um templo, empilhando de forma salteada as relíquias e reminiscências de cada uma. Quando se olha para aquela edificação, o que se vê, na verdade, é uma obra única, de grande beleza.

Através de uma linguagem que salvaguardou as individualidades, as bordadeiras do Morro São Bento estamparam a sua presença no ambiente em que vivem. A partir do presente, buscaram os fatos do passado, imaginando a possibilidade de permanência no futuro. Cuidaram de suas histórias como cuidam do bordado: traçaram caminhos, com o mesmo capricho com que riscam desenhos nos tecidos em branco; selecionaram fatos para contar, assim como escolhem a cor da linha que vão usar; fixaram

lembranças, como arrematam cada ponto, para que ele não escape. Engomaram, passaram, embalaram para presente as vidas e os trabalhos prontos. Revestiram de importância tudo o que poderia ter sido banal. E, assim, como nunca se desgarraram das raízes da Madeira, jamais serão esquecidas por quem as viu descer as ladeiras do São Bento.

“Que nos seja permitido viver, enquanto as lembranças não nos abandonarem e enquanto, de nossa parte, pudermos nos entregar a elas” (BOBBIO, 1997). Para as bordadeiras, viver é uma prenda que tem valor enquanto for possível trabalhar. A cada ponto, elas revivem lembranças, ressuscitam os seus mortos e não se sentem abandonadas pelo passado. Foram tecendo e remendando o seu destino, em contato permanente com a trama curiosa da vida, que entrelaça o ontem, o hoje e o amanhã. Cuidaram para que essa tela delicada não ficasse esgarçada com o tempo e, no movimento de ir e vir da agulha, repetiram muitas vezes: *“eu me lembro, sim, eu me lembro”* (MASTROIANNI, 1999)

8.2. Trabalho

“Lavor - qualquer ocupação manual, qualquer ocupação ou operação mental ou intelectual.

Trabalho - luta, lida, esforço, labutação; exercício material ou intelectual para fazer ou conseguir alguma coisa.”

Caldas Aulete

“Antes de tudo, o trabalho é um processo de que participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano, com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza. Defronta-se com a natureza como uma de suas forças. Põe em movimento as forças naturais de seu corpo, braços e pernas, cabeça e mãos, a fim de apropriar-se dos recursos da natureza, imprimindo-lhes forma útil à vida humana. Atuando, assim, sobre a natureza externa e modificando-a, ao mesmo tempo modifica a sua própria natureza.... Pressupomos o trabalho sob forma exclusivamente humana. Uma aranha executa suas operações semelhantes à do tecelão e a abelha supera mais de um arquiteto ao construir a sua colméia. Mas o que distingue o pior arquiteto da melhor abelha é que ele figura na mente sua construção, antes de transformá-la em realidade. No fim do processo do trabalho, aparece um resultado que já existia antes idealmente na imaginação do trabalhador. Ele não

transforma apenas o material sobre o qual opera; ele imprime ao material o projeto que tinha conscientemente em mira, o qual constitui a lei determinante do seu modo de operar e ao qual tem de subordinar a sua vontade. E essa subordinação não é um ato fortuito. Além do esforço dos órgãos que trabalham, é mister a vontade adequada que se manifesta através da atenção, durante todo o curso do trabalho” (MARX, 1982).

Ao afirmar que o trabalho universal sempre existiu, MARX (1982) está considerando o processo de trabalho à parte de qualquer estrutura social determinada. “A utilização da força de trabalho é o próprio trabalho”. A energia dessas mulheres é canalizada para a própria atividade de bordar. Trabalhar com o objeto (o linho e as linhas) e com o instrumento de origem (as agulhas) “no seu metabolismo com a natureza”, independentemente da divisão de tarefas, da organização do processo de trabalho e da racionalidade imposta pela fábrica, na produção da mais-valia relativa, é o trabalho das bordadeiras do São Bento. O projeto individual que cada uma delas tem como meta transforma-se em projeto de um grupo que realiza, com mais força, o tecido da identidade. Esta é a vontade de todas, que se manifesta durante todo o curso do trabalho.

ARENDT (1983), na sua interlocução com os pontos de vista de Marx, em *A condição humana*, define labor, trabalho e ação, fazendo a seguinte equivalência: labor como necessidade; trabalho igual à produtividade e ação, uma atividade política. A autora ainda

chama a atenção para a forma como o trabalho tem sido observado e analisado na 'era moderna'. Teoricamente, ele foi conceituado de três formas diferentes, de acordo com as seguintes distinções: em princípio, como trabalho produtivo e improdutivo; depois, como trabalho qualificado e não qualificado; e, finalmente, como trabalho manual e intelectual. A posição dos dois maiores pensadores sobre o assunto, Karl Marx e Adam Smith, também vai ser destacada e contestada no texto de ARENDT (1983), por eles considerarem que o processo coletivo de trabalho só tem sentido, se resultar em produtividade e enriquecimento.

O papel do trabalho na vida das bordadeiras do morro São Bento é vital. Embora já tenha sido citado anteriormente, convém repetir que todas são aposentadas ou pensionistas e, embora os seus rendimentos sejam baixos, elas não dependem do bordado para sobreviver. Nas raras ocasiões em que vendem alguma peça, ampliam a sua possibilidade de consumo e, em geral, o dinheiro é aplicado em melhorias na casa onde vivem. O lucro é bem-vindo, isso é certo. No entanto, não é ele que mantém o linho pulsando nas mãos das bordadeiras. A fórmula dinheiro/consumo/acúmulo de capital não regula a vida das bordadeiras e não é o objetivo da atividade que elas praticam (SANTOS, 2003).

Se o grupo não borda por necessidade financeira, tem uma produção insignificante e, em termos de ação política, o trabalho se aproxima mais da luta ingênua do que de uma atitude revolucionária,

como poderíamos classificar o tipo de atividade que realizam? É possível afirmar que o ato de bordar, segundo ARENDT (1983), é a forma de “vita activa” das bordadeiras?

A circunstância indica que as bordadeiras transitam na contramão do modelo econômico em vigor. Dedicam-se e colocam-se a serviço de um fazer que remete à ação, ao saber, ao devaneio, à realização, que é o contrário da alienação do trabalho nas relações capitalistas (SILVA, 1998). O bordado não é um passatempo, é vocação. Como ofício, é tratado com privilégios e condescendências, como se fosse um filho com saúde frágil, sobre o qual não pesa a obrigação de apresentar grandes resultados. Essas mulheres sabem perfeitamente que atividade prazerosa não está relacionada a ganho; portanto, não submetem o seu trabalho à opressão do lucro (RUSSELL, 2002).

Sendo assim, a impressão inicial é de que não estaríamos muito distantes da verdade, ao considerarmos a reflexão sobre “vita activa”, lançada por ARENDT (1983), um ponto de vista adequado para se discutir o caso das artesãs madeirenses, já que podemos localizar as “três atividades humanas fundamentais”, que compõem o termo em latim, no universo das bordadeiras. Vejamos:

- “o labor assegura não apenas a sobrevivência do indivíduo, mas a vida da espécie”, segundo ARENDT (1983). Ao formarem um grupo e entrelaçarem os seus destinos, as bordadeiras teceram a trama da proteção,

da segurança e tornaram-se visíveis. Não abriram mão da individualidade, ao contrário, ela foi colocada à disposição de um objetivo comum, o de manter viva a cultura de um povo e preservar a sua identidade em um novo território.

- quando a autora diz que “o trabalho e seu produto, o artefato humano, emprestam certa permanência e durabilidade à futilidade da vida mortal”, ela aponta as prováveis razões pelas quais as bordadeiras estabeleceram uma relação sólida e resistente com o seu trabalho. O bordado apresenta a vida das cinco mulheres da Madeira, de forma bela e majestosa e uma peça bordada pode ultrapassar as fronteiras da vida, garantindo a elas uma chance de permanência, ainda que a arte de bordar desapareça do morro. D. Beatriz tem intactas duas peças bordadas do seu enxoval de casamento e diz “isso é coisa que não acaba nunca. Quem fez já morreu e as toalhas estão aqui, lindas”.
- “a ação, na medida em que se empenha em fundar e preservar corpos políticos, cria a condição para a lembrança, para a história”. As bordadeiras apresentam o seu trabalho, não apenas como um produto de horas dedicadas ao linho e às linhas. Mas em cada peça elas entregam um pouco do que são, o bordado como

ferramenta identitária lança as bordadeiras para dentro da sociedade. E, ao repetirem os mesmos pontos desde a infância, na relação individual ou conjunta com o tecido, elas remexem em silêncio suas histórias, que ganham som, na medida em que o trabalho fica pronto e passa para outras mãos. Elas reconheceram a necessidade da união de forças para seguir em frente e a partir de um ato coletivo o grupo se ofereceu para a nova sociedade como parte e testemunha da história.

Além do que se pode dizer sobre o bordado como 'profissão', podemos refletir um pouco sobre o trabalho como um campo de escolhas. O ato de bordar se dá, de forma arbitrária, no ócio, no momento do prazer, do lazer e do descanso. Ao falar da moral do trabalho vigente, ADORNO (1995) chama a atenção para função do tempo livre como prazo para restauração da força de trabalho, como um mero apêndice do próprio trabalho, transformando a vida em um peão que gira sobre o mesmo ponto, sem chance de variações, de movimentos inusitados, inesperados. Poderíamos dizer, então, que daí brota a ação revolucionária das bordadeiras. Elas não buscam repor energia para o trabalho no tempo livre. Ao contrário, ele é preenchido como única ocupação que tem o mérito da exclusividade e que, ao ser exercida, resulta em segurança e bem-estar.

O bordado como trabalho aparece na vida dessas mulheres como forma de expressão artística, uma necessidade que se manifesta

com tal força que, em nome dela, as bordadeiras enfrentaram culpas e conflitos com relação a filhos e maridos, contrariaram modelos de comportamento estabelecidos pela sociedade e romperam com a hierarquia de gênero, que previa para elas um outro modo de agir e pensar (FERREIRA, 1999).

A manutenção do trabalho na rotina diária é compromisso transformado em benefício, livre da obrigação de estar atrelado ao lucro. “É uma coisa rara, preciosa”, explica D. Tereza. E como arte, ARENDT (1983) diria, o bordado pode ser “um objeto sem utilidade, deve ser visto como único e, portanto, não é passível de igualação através de um denominador comum como o dinheiro. A obra de arte tem uma durabilidade que está acima de todas as outras coisas e nesse mundo feito de coisas, a arte que permanece é o lar não-mortal de seres mortais”. Podemos nos arriscar a dizer que esse foi o caminho percorrido pelas bordadeiras do São Bento: passaram a vida fazendo arte para repousar na imortalidade que elas construíram com suas próprias mãos.

8.3. Identidade

Identidade - do latim identitas-atis, paridade absoluta.

Identificar – fazer, de duas ou mais coisas, uma só.

Caldas Aulete

Bordar para quê? O ponto de partida na busca de uma resposta será o viés que une as frases: ‘fazer, de duas ou mais coisas, uma só’ à “somos todas bordadeiras”, declaração repetida pelas artesãs, quando perguntamos qual o principal papel delas na vida.

O que pode significar, para cinco viúvas, bordadeiras da Ilha da Madeira, que chegaram no Brasil há décadas e que não se conheceram em Portugal, continuar juntas, bordando sem parar? Superar a solidão pode ser uma hipótese, evitar a tristeza, pode ser outra, mas por que não entender que elas estão procurando, a seu modo, “construir e fixar a sua imagem para a História?”.

Nesse ponto, retomamos BOSI (2003) para refletir sobre “a importância da coletividade no suporte da memória. Quando as vozes das testemunhas se dispersam, se apagam, nós ficamos sem guia para percorrer os caminhos da nossa história mais recente... Fica-nos a história oficial, em vez da envolvente trama tecida à nossa frente”. E, mesmo sem recursos necessários para uma elaboração formal dos

riscos que correriam, caso se isolassem, as bordadeiras mantiveram uma ligação que deu suporte ao seu trabalho e ele sustentou, como diria CIAMPA (1987), o personagem comum que elas haviam livremente interiorizado e com o qual estão perfeitamente identificadas.

Estar em grupo, cultivando referências, significa não apagar os acontecimentos anteriores e evitar a sensação dolorosa de morte e nascimento, provocada pelo rompimento com o passado e súbita ligação com um futuro incerto. Quando fala sobre um grupo de exilados, no romance *A Ignorância*, o escritor tcheco KUNDERA (2002) diz assim: “contam entre si até a exaustão as mesmas histórias, que, desse modo, se tornam inesquecíveis”. Perfurar o linho com a agulha infinitas vezes, alinhar o seu trabalho ao trabalho de uma companheira, atar uma toalha a um lençol usando a linha colorida, mantêm viva a chama das lembranças, “e do vínculo com o passado extraem a força para a formação de sua identidade” (BOSI, 2003). São trabalhos diferentes realizados com os mesmos movimentos, que se renovam em torno das raízes e das tradições de um povo.

Longe do país de origem, é no bordado que as madeirenses se reconhecem como semelhantes. Conforme CIAMPA (1987), é no campo da tradição que elas “articulam diferenças e igualdades”, identidade constituída através de vários sujeitos e suas histórias pessoais. O autor pode detalhar ainda melhor os segredos da identidade com um exemplo fácil, que nos dá a oportunidade de fazer

uma relação clara com o universo que estamos estudando. Na família, o prenome, assim como as histórias pessoais, é o que nos diferencia; o sobrenome, da mesma forma que o bordado, nos assimila e é por ele que podemos dizer: “sou um daquela família” ou “faço parte do grupo de bordadeiras do Morro São Bento”.

BOSI (2003) vai ligar identidade à memória coletiva, chamando a atenção para essa fusão que só se realiza respaldada por imagens, sentimentos, idéias e valores de uma determinada classe. No caso das mulheres que observamos, vale a pena refletir sobre o fato de começarem a bordar logo após o desembarque no Brasil, ainda que seus maridos já estivessem trabalhando e em condições de manter a família. Há um significado embutido nessa iniciativa que vai além da busca por uma vida mais confortável. Ao se unirem às cunhadas e sobrinhas, que já estavam em Santos, elas evitaram se distanciar da imagem que traziam delas mesmas. Talvez tivessem medo de perder o vínculo com o passado e não conseguir criar laços com um presente que não tinha afinidades com suas lembranças. “Como protagonistas de um momento histórico, elas se agarraram de imediato ao seu ofício e, assim, puderam assumir plenamente uma nova posição, em uma nova sociedade” (FERREIRA, 1999).

Em vários episódios deste trabalho acadêmico, tivemos a oportunidade de falar do orgulho que as bordadeiras sentem por serem portuguesas “um povo trabalhador, que não espera nada de ninguém”. Esse não foi um pensamento cultivado à distância, ao

sabor de um patriotismo melancólico. Se para CIAMPA (1987), “o homem se presentifica como personagem”, para as portuguesas o fato de assumirem o papel de bordadeiras frente à comunidade, significava apresentarem-se como representantes delas mesmas. Chegaram a Santos, depois de uma longa caminhada e fizeram questão de serem vistas e conhecidas, porque “uma história de vida não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar”. (BOSI, 2003)

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Ao chegar a uma nova cidade, o viajante reencontra um passado que não lembrava existir: a surpresa daquilo que você deixou de ser ou deixou de possuir revela-se nos lugares estranhos, não nos conhecidos”.

Italo Calvino, in *As Cidades Invisíveis*, 1998

As bordadeiras do morro São Bento, assim como milhares de outras pessoas, são imigrantes que chegaram ao Brasil no início do século passado. Ao deixar o país de origem, todos tinham o mesmo objetivo: fazer fortuna no Novo Mundo. Alguns enriqueceram, muitos não. A maioria se diluiu na multidão e as cinco artesãs, vindas da Ilha da Madeira, poderiam ter ficado anônimas, como tantos outros estrangeiros que se espalharam pelo país na mesma ocasião. Mas elas caminharam muito para chegar até aqui e não queriam perder a viagem. Fizeram uso das armas que tinham em mãos, travaram uma longa batalha com o destino e mudaram as suas histórias. Hoje, elas são mais do que ‘as velhas portuguesas do morro’. São as bordadeiras do São Bento, que domaram as dificuldades da vida com seu trabalho.

Realizar a pesquisa com esse grupo foi uma experiência que exigiu habilidade, delicadeza e atenção às regras que norteiam as relações humanas. Não tínhamos diante de nós pessoas indiferentes ou complacentes com a vida. Ao contrário, as mulheres com quem trabalhamos

não pactuam com a submissão, estabelecem limites e foi assim que se impuseram durante todo o processo de coleta de dados. Discutiram, definiram, proibiram e cederam. Da maneira sutil, como tecem os seus bordados, foram marcando o compasso das conversas, contornando o indesejável, desviando dos segredos e apontando na direção do que elas consideravam importante revelar. Foi um rico processo de troca de confidências, no qual o gravador era ligado e desligado, conforme acordos e necessidades.

Já nos primeiros contatos, as bordadeiras compreenderam que o objetivo desse trabalho acadêmico, de fazer um registro histórico sobre a passagem do grupo pela cidade de Santos, vinha ao encontro de suas aspirações. Com isso, disponibilizaram suas histórias com o mesmo vigor com que as construíram. Olhavam para o passado, ávidas por trazer de volta partes da vida que pudessem mostrar para o mundo de onde vieram, tudo o que fizeram e o que as levou a ser quem elas são.

A princípio, as histórias jorravam de todos os lados, de forma desencontrada, dando a impressão de que nada do que o grupo trazia à tona chegaria a fazer sentido. Mesmo diante da falta de critério para recordar, decidimos seguir o conselho de THOMPSON (1992) a propósito das entrevistas. Não interrompemos a narrativa para não diminuir a importância de fatos que, no resgate de suas vidas, poderiam ser fundamentais. Diz o autor que “se você interrompe uma história, não interrompe apenas essa, mas toda uma série de ofertas posteriores de informações que seriam relevantes, mais cedo ou mais tarde” (THOMPSON,

1992). Foi um período em que não poderiam ser considerados prazos e datas. Era necessário dar tempo para que a ansiedade do grupo diminuísse e cada uma delas pudesse revolver o seu estoque de lembranças com tranquilidade, para que pudéssemos, 'juntas', dar forma ao conteúdo.

Dizemos 'juntas' porque o envolvimento com personagens e seus relatos deturpa o papel do ouvinte. Faz com que "os autores sejam personagens da história" (CIAMPA, 1987). Em determinada fase da relação com o grupo, os vínculos se estreitaram tanto que havia uma tendência equivocada de abandonar a condição de observadores, supondo que já fazíamos parte daquele mundo. É uma circunstância na qual se corre o risco de interferir na rotina do grupo, tentar resolver os seus problemas, o que resultaria na deformação do objeto com o qual decidimos trabalhar. THOMPSON (2002) alerta para o erro que se comete ao tomar iniciativas dessa natureza. Elas distorcem o comportamento do grupo e o distanciam de suas características originais. Manter a distância adequada e evitar espelhar vivências pessoais nos relatos das bordadeiras foi um dos maiores desafios enfrentados, enquanto convivemos com elas, coletando o material para a dissertação.

Saber a hora de interferir e perceber a hora de recuar não foram as únicas dificuldades que enfrentamos na realização de um trabalho de história social. A maneira ingênua como imaginamos que o projeto preparado de antemão estará perfeitamente adequado, quando levado a campo, é outro complicador. Nem sempre os entrevistados compreendem as boas intenções de um trabalho acadêmico; muitas vezes se fecham e

resistem ao contato. Por mérito das bordadeiras, pudemos abreviar as etapas do convencimento e da aceitação, porque parecia que o grupo estava à espera dessa iniciativa, há muitos anos. Receberam a pesquisa com satisfação e alívio.

As bordadeiras têm a exata dimensão do valor do seu trabalho e do papel que ele desempenhou em suas vidas. O bordado criou fortes elos de ligação entre as meninas que faziam os pontos mais simples e suas mães e avós, a quem cabia a parte mais refinada do trabalho. Essa relação se estendeu pela vida e manteve as madeirenses sempre próximas de suas raízes em condições de enfrentar o exílio, situação que envolve renúncia, abandono e privações de toda ordem. Para o imigrante que pisa em terra nova são colocados mais desafios do que sonhos. O que fazer quando abandonamos todas as nossas referências? Que caminho seguimos, se nos encontramos na mais absoluta solidão? Quais são as fronteiras que se pode cruzar no escuro? Reagir a tantas dificuldades significou renascer em terra estranha e o elemento facilitador desse processo, no caso dessas portuguesas, foi o trabalho manual. ARENDT (1983) considera que “a ação é a atividade mais intimamente relacionada com a condição humana da natalidade; o novo começo inerente a cada nascimento pode fazer-se sentir no mundo, somente porque o recém-chegado pode iniciar algo novo, isto é, agir” .

O bordado foi alavanca para o futuro, mas também um dos mais fortes elementos de ligação com o passado. Como parte da vida dessas mulheres, desde os cinco anos de idade, revelou-se um importante

diferencial em vários aspectos da vida: na relação conjugal, na criação dos filhos e no padrão financeiro da família. Tecendo e vendendo bordados, sempre com cuidado para não atizar e nem ofuscar os maridos, ajudaram de forma decisiva no orçamento doméstico. Com isso, proporcionaram aos filhos uma vida muito mais confortável do que aquela que elas mesmas tiveram. Graças a um trabalho silencioso, a geração seguinte estudou mais e se sacrificou menos.

As bordadeiras foram filhas, esposas e mães cuidadosas e conscientes. Têm muito orgulho de realizar tarefas com perfeição, como aprenderam com suas antepassadas. Admitem, no entanto, que simplificaram muito a arte do bordado e falam com certa nostalgia dos ricos trabalhos que fizeram ou que viram ser feitos em Portugal. Lamentam que a falta de interesse e de poder aquisitivo dos compradores tenha levado a fina arte da Madeira a empobrecer no Brasil. Mas abreviar o trabalho e trocar tecido e linhas nobres por material inferior foram decisões difíceis, tomadas com muita objetividade: antes de mais nada, era preciso manter a possibilidade de continuar bordando.

As bordadeiras vivem em Santos há décadas. D. Beatriz, por exemplo, acaba de completar 54 anos de Brasil. Durante esse tempo, elas enfrentaram muitas dificuldades para manter o bordado vivo na encosta do São Bento. Em alguns períodos, o inimigo foi a tendência do mercado, em outros, as crises econômicas. Em nenhum momento, porém, por pior que fossem as circunstâncias, elas deixaram o seu trabalho de lado. D. Isabel conta que “teve um tempo que não tinha bordado aqui no Brasil, ninguém

comprava e as fábricas de São Paulo pagavam muito mal”. Para não ficar afastada do linho, passou a trabalhar mais devagar. “Fiquei bordando lencinhos para a minha filha, bordei jogos para as minhas netas. Cada uma tem, pelo menos, um jogo que eu bordei”. Não são só elas que vinculam a sua imagem ao bordado. Teresinha, filha de D. Teresa diz que “se eu chegar na casa da minha mãe e ela não estiver bordando, eu vou me assustar. É sinal de que tem alguma coisa errada com ela. Eu nunca vi a minha mãe parada!”.

Bordar para essas mulheres é a atividade mediadora da sua identidade original, é o processo criador da perpetuação de suas raízes, ao mesmo tempo que é o movimento que modela a sua forma de ser: elas bordam e o produto é arte, é cultura e é tradição. Não é um trabalho qualquer, realizado para o ganho. Ele parte da vivência e da necessidade de se manterem ligadas às suas origens. “O enraizamento é talvez a necessidade mais importante e mais desconhecida da alma humana e uma das mais difíceis de definir. O ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro” (WEIL apud BOSI, 2003). Assim, o bordado como trabalho não pode ser visto como produção que resulta do esforço, como atividade que se aproxima do martírio. Bordar é produto do desejo e do prazer de estar em contato com as lembranças. Por isso, é realizado no tempo de descansar. “É bom ter um lugar certo para bordar. A gente senta ali e fica trabalhando sossegada”, diz D. Tereza.

Por fim, vamos analisar a relação do bordado com a imagem que as narradoras têm de si mesmas. As bordadeiras não querem ser ou parecer dependentes. Prepararam a vida para ter uma velhice simples e digna. Todas moram sozinhas e têm condições de suprir as suas necessidades básicas. Dizem que é “coisa de português que, desde pequeno, aprende que não tem que esperar nada de ninguém. Nem de parentes e nem do governo”, diz D. Beatriz. Orgulhosas e altivas, as portuguesas não queriam viver à margem, isoladas. Mesmo na condição de estrangeiras, queriam ser levadas à sério e admitidas na nova sociedade. Ofereceram o seu talento como forma de participação e, foi através da arte, que trouxeram na bagagem, que as bordadeiras ganharam a vida, conquistaram respeito e garantiram o seu espaço em um novo contexto social.

“Uma história de vida é influenciada pelo meio cultural, por quem ouve e pelo momento histórico no qual está sendo narrada” (YOW, 1996). Considerados esses três elementos, poderíamos depositar os relatos das bordadeiras em um cenário preciso e seguro, de onde extrairíamos as conclusões mais convenientes para finalizar este trabalho acadêmico. No entanto, ao escolher o caminho mais curto para fechar a dissertação, estaríamos estrangulando um material precioso sob um arco diminuto de possibilidades de reflexão. Os relatos esboçam alguns traços que poderiam definir a relação das bordadeiras com o seu trabalho: o bordado é fonte de prazer, campo de repouso, elo com o passado, instrumento de resistência e manutenção da identidade. Mas, ainda que tenhamos extraído das narrativas elementos preciosos para a análise, a carga de subjetividade

contida nas histórias das cinco mulheres impede que se chegue a uma conclusão que se aproxime da verdade.

Para elas, trabalhar e respirar são elementos vitais com a mesma dimensão. Elas retiram de um e de outro saúde, energia, alegria, liberdade e muitos outros sentimentos positivos, que as mantêm independentes. No entanto, a incapacidade de viver sem bordar vai além do que já foi dito com palavras. Refere-se à necessidade fundamental, coletiva e pessoal, de manter viva uma identidade construída com trabalho e lembranças.

10. BIBLIOGRAFIA

- ADORNO, T.W. Tempo livre. In: Palavras e Sinais: Modelos críticos. Petrópolis, Vozes, 1995. p.71-82.
- ALMEIDA, V.L.V. Existência, acessibilidade e limites de competência. **Revista Kairós**, n.3, p.63-70, ago., 2000.
- ALMEIDA, J.A.M. Identidade, anamorfose e emancipação: uma leitura do conto “A velha senhora indigna” de Bertold Brecht. **Revista Kairós**, p.51-66, mar., 2002. Caderno Temático.
- AULETE, C. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, Editora Delta, 1958.
- ARENDT, H. **A condição humana**. Trad. Roberto Raposo. 2.ed. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1983. 339p.
- BARROSO, A.E.S. **A estranha arte de envelhecer longe da pátria: o cotidiano de imigrantes espanhóis atendidos pela sociedade beneficente Rosalia de Castro** – São Paulo – 2001. São Paulo, 2002. 119p. Dissertação (Mestrado) Departamento de Gerontologia da PUC.
- BEAUVOIR, S. **Memórias de uma moça bem comportada**. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1968. 327p.
- BEAUVOIR, S. **Uma morte muito suave**. Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira, 1984. 106p.
- BEAUVOIR, S. **A Velhice**. Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira, 1990. 711p.

- BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov.
In: Magia e técnica, arte e política - ensaio sobre literatura e história da cultura. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1987. p.197–221.
- BOBBIO, N. **O tempo da memória: de *senectute* e outros escritos autobiográficos**. Trad. Daniela Versiani. 6.ed. Rio de Janeiro, Editora Campus, 1997. 205p.
- BONVINI, E. Tradição oral afro-brasileira: as razões de uma vitalidade. **Proj. História**. n. 22, p.37-48, jun., 2001.
- BORDERÍAS, C. Las Mujeres, autoras de sus trayectorias personales y familiares: a través del servicio doméstico. In: História, Antropología y Fuentes Orales. **Revista de Sociologia**, n.6, p.105-121, 1991. (Servei de Publicacions de la Universitat Autònoma de Barcelona).
- BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo, T.A. QUEIROZ EDITOR, 1999. 484p.
- BOSI, E. **O templo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo, Ateliê Editorial, 2003. 219p.
- BRANDÃO, V.M.T. **Memória, cultura, projeto de vida**. São Paulo, 1999. 200p. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- CALVINO, I. **As Cidades Invisíveis**. São Paulo, Companhia das Letras, 1998. 150p.
- CARVALHO, B.C. A colônia portuguesa: exemplo de integração entre os povos. **A Tribuna**, Santos, SP, 13 jun., 1982.

- CHAUÍ, M. **Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil**. São Paulo, Ed. Brasileira, 1989, 246p.
- CIAMPA, A.C. **A estória de Severino e a história de Severina**. São Paulo, Brasiliense, 1987. 175p.
- COELHO, B. **Contar histórias, uma arte sem idade**. São Paulo, Ática, 1998. 78p.
- CUNHA, A.C. **Estrutura e apresentação de dissertações e teses**. 2. ed. São Paulo, Serviço de Biblioteca e Documentação Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, 1996. 89p.
- DEBERT, G.G. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo, EDUSP, 1999. 266p.
- DESLANDES, S.F.; CRUZ NETO, O.; GOMES, R.; MINAYO, M.C.S. org. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 19.ed. Petrópolis, RJ, Vozes, 1994. 80p.
- ECO, U. **Como se faz uma tese**. São Paulo, Editora Perspectiva, 1995. 170p.
- EDITORIA LOCAL, Os 58.000 que Vieram de Fora. **A Tribuna**, Santos, 26 mar. 1969.
- EDITORIA LOCAL, A Colônia Portuguesa – exemplo de integração entre os povos. **A Tribuna**, Santos, 13 jun. 1982.
- EDITORIA LOCAL, O Velho Charme Inglês na Paisagem de Santos. **A Tribuna**, Santos, 25 jul. 1982.
- EDITORIA LOCAL, Árabes e Judeus em Santos. **A Tribuna**, Santos, mai. 1997.

- EDITORIA LOCAL, Imigrantes se espalham por toda a cidade, **A Tribuna**, Santos, 26 jan. 2000.
- FERREIRA, E.F.X. Mujeres, Memória e Identidad Política. In: Historia, Antropologia e Fuentes Orales. **Revista de Sociologia**, n.21, p.53-66, 1999. (Servei de Publicacions de la Universitat Autònoma de Barcelona).
- FERREIRA, M.M. y AMADO, J. (org) **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1996. 257p.
- FOLHA DE SÃO PAULO. **Manual geral da redação**. 2.ed. São Paulo, Folha de São Paulo, 1987. 214p.
- FRUTUOSO, M.S.G., O café e a imigração em Santos. In: Santos, café e história. Santos, Ed. Leopoldianum, 1.985. p.41-53.
- GALEANO, E. **O livro dos abraços**. Porto Alegre, RS, L&PM, 1989. 271p.
- GANDON, T.R.D'A. Entre memória e história: tempos múltiplos de um discurso a muitas vozes. **Proj. História**. n. 22, p.139-158, jun., 2001.
- GOLDFARB, D.C. Psicanálise e envelhecimento. **Revista Kairós**, p.13-38, ago., 2002. Caderno Temático 2.
- GONÇALVES, A. **Barcelona brasileira**. São Paulo, Editora Publisher Brasil, 2002. 189p.
- GRANET-ABISSET, A.M. O historiador e a fotografia. **Proj. História**. n.24, p.9-26, jun., 2002.
- GREIBER, B.L.; MALUF, L.S.; MATTAR, V.C. **Memórias da imigração: libaneses e sírios em São Paulo**. São Paulo, Discurso Editorial, 1998. 766p.

- HABERMAS, J. Desenvolvimento da moral e identidade do Eu. In: Para a reconstrução do materialismo histórico. Trad. Carlos Nelson Coutinho. São Paulo, Brasiliense, 1983. p.49-75.
- HAGUETTE, T.M.F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. São Paulo, Vozes, 1987. p.11 – 87.
- HAYFLICK, L. **Como e por que envelhecemos**. Trad. Ana Beatriz Rodrigues. Rio de Janeiro, Campus, 1997. 366p.
- HOCHSCHILD, A.R. **The unexpected community: portrait of an old age subculture**. Berkeley, USA: University of California Press, 1972. 77p.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA **Censo demográfico Brasileiro – 2000**. Disponível em:
<<http://www.ibge.gov.br>>
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA **Estimativa populacional por município – 2002**. Disponível em:
<<http://www.ibge.gov.br>>
- IZQUIERDO, I. **Tempo e Tolerância**. Porto Alegre, Ed. Sulina, 1987, 180p.
- JOUTARD, P. **Esas vocês que nos llegan del pasado**. Buenos Aires, Argentina, Fondo de Cultura Econômica de Argentina, 1999. 339p.
- JUNQUEIRA, C. **Antropologia indígena, uma introdução**. São Paulo, EDUC, 2002. 105p.
- KARSCH, U.M.S. (org). **Envelhecimento com dependência: revelando cuidadores**. São Paulo, EDUC, 1998. 248p.

KHOURY, Y.A. Narrativas orais na investigação da história social. **Proj.**

História. n. 22, p.79-104, jun., 2001.

KUNDERA, M. **A Ignorância.** São Paulo, Companhia das Letras, 2002.

156p.

LAHUD, A.M.L. **Terceira idade: ideologia, cultura, amor e morte.** Brasília,

Universidade de Brasília, 2004. 138p.

LANNA, A.L.D. Os trabalhadores da cidade – In: Uma cidade na transição -

Santos 1.870– 1.913. Santos, SP, Hucitec, 1.996. pp.167-179.

LESSING, D., **O Diário da Boa Vizinha.** Rio de Janeiro, Editora Record,

1.984. 222p.

LUNA, S.V. **Planejamento de pesquisa: uma introdução.** São Paulo,

EDUC, 2000. 108p.

MADEIRA. Guia da Madeira, disponível em <[\[madeira.net/artesanato/bordado01.htm\]\(http://www.guia-madeira.net/artesanato/bordado01.htm\)> acesso em: 18 ago. 2004.](http://www.guia-</p></div><div data-bbox=)

MADEIRA. Guia da Madeira, disponível em <[\[madeira.net/madeira/história/index.htm\]\(http://www.guia-madeira.net/madeira/história/index.htm\)> acesso em: 18 ago. 2004.](http://www.guia-</p></div><div data-bbox=)

MADEIRA. História do bordado, disponível em

<<http://pages.madinfo.pt/bordal>> acesso em: 18 ago. 2004.

MARTINELLI, M.L.; ON, M.L.R.; MUCHAIL, S.T. **O uno e o múltiplo nas**

relações entre as áreas do saber. 3.ed. São Paulo, Cortez, 2001.

172p.

MARTINS, E. **Manual de redação e estilo de O Estado de São Paulo.**

3.ed. São Paulo, O Estado de São Paulo, 1997. 400p.

- MARTINS, F.B.E.; BALERA, W.; SERAPIAO JR., J. Desafios da longevidade - repercussões da longevidade no contexto socioeconômico: garantia da cidadania. **Revista Kairós**, v.5, n.1, p.73-111, jun., 2002.
- MARX, K. **O capital**. 20 ed., São Paulo, Difel, 1982. Cap. 5, p. 201-223 :
Processo de trabalho e processo de produzir mais-valia.
- MASTROIANNI, M. **Eu me lembro, sim, eu me lembro**. São Paulo, Dórea Books and Art, 1999. 191p.
- MELLO, L. **Eny e o Grande Bordel Brasileiro**. Rio de Janeiro, Objetiva, 2002. 290p.
- MERCADANTE, E.F. **A construção da identidade e da subjetividade do idoso**. São Paulo, 1997. 203p. Tese (Doutorado) - Departamento Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- MESZAROS, I. **Marx: a teoria da alienação**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1981. 303p.
- MINAYO, M.C.S. (org). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1994. 80p.
- MINAYO, M.C.S. **O Desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo, Hucitec/Abrasco, 2000, 185p.
- MIRANDA, A. **Amrik: romance**. São Paulo, Companhia das Letras, 1997. 205p..
- MOLJO, C. B. **Mujeres em la sobrevivência: construyendo com el trabajo social**. Argentina: UNR Editora, 2001. 175p.
- NASCIMENTO, F.R., org. **Bordados da Madeira nos morros de Santos**. Santos, SP, Editora D.O. Urgente, 1992. 40p.

- NEGRI, T. **Exílio, seguido de valor e afeto**. São Paulo, Ed. Iluminuras, 2001. 94p.
- NERI, A.L. (org). **Qualidade de vida e idade madura**. Campinas, Editora Papirus, 1993. 285p.
- NERI, A.L. (org). **Desenvolvimento e envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas**. Campinas, SP, Editora Papirus, 2001. 200p.
- PAPALEO NETTO, M. **Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada**. São Paulo: Atheneu, 2000. 325p.
- PORTELLI, A. Forma e significado na história oral: a pesquisa como um experimento em igualdade. **Proj. História**. n. 14, p.7-24, fev., 1997.
- PORTELLI, A. O que faz a história oral diferente. **Proj. História**. n. 14, p.25-39, fev., 1997.
- PORTELLI, A. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre ética na história oral. **Proj. História**. n. 15, p.13-33, abr., 1997.
- PORTELLI, A. História oral como gênero. **Proj. História**. n. 22, p.9-36, jun., 2001.
- PUPO, L.M. Mulher, velhice e asilamento voluntário. **Revista Kairós**, v.5, n.2, p.35-48, dez., 2002.
- PY, L. **Testemunhas vivas da história**. Rio de Janeiro, Nau Editora, 1999. 128p.
- PY, L., org. **Finitude: uma proposta para reflexão e prática em gerontologia**. Rio de Janeiro, Nau Editora, 1999. 189p.

- RUSSELL, B. **O elogio ao ócio**. Trad. Pedro Jorgensen Júnior. Rio de Janeiro, Sextante, 2002. 183p.
- SAINT-EXUPÉRY, A. **Cidadela**: Lisboa, Editora Áster, 1966, 157p.
- SAMARA, E.M.; SOIHET, R.; MATOS, M.I.S. **Gênero em debate: trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea**. São Paulo, EDUC, 1997. 114p.
- SANTOS, Guia da Cidade. Disponível em:
<<http://www.santoscidade.com.br/historia.htm>> acesso em: 18 ago. 2004.
- SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 10.ed. Rio de Janeiro, Record, 2003. 174p.
- SAWAIA, B.B. A falsa cisão retalhadora do homem. In: O uno e o múltiplo nas relações entre as áreas do saber. O uno e o múltiplo: representação e cotidiano. São Paulo, Cortez, 2001. p.96-109.
- SEIXAS, J.A. Os tempos da memória: (des)continuidade e projeção. Uma reflexão (in)atual para a história?. **Proj. História**. n.24, p.43-64, jun., 2002.
- SENNETT, R., **A Corrosão do Caráter: conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Rio de Janeiro, Record, 1999. 204p.
- SEVCENKO, N. **República: da Belle Époque à era do rádio**. São Paulo, Companhia das Letras, 1998. 724p. (História da vida privada no Brasil, v.3)
- SEVERINO, A.J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo, Cortez, 2002. 335p.

- SILVA, M.A.M. Fiandeiras, tecelãs, oleiras... redesenhando as grotas e veredas. **Proj. História**, n.16, p.75-104, fev., 1998.
- SOUZA, E.M. **Reminiscências integrando gerações**. Petrópolis, RJ, Vozes, 1999. 85 p.
- SOUZA, E.M. Reminiscências: as lembranças como patrimônio social. **Revista Humanidades**, n. 46, out.,1999. p.103–109. (Brasília, Editora UNB)
- TAMARO, S. **Vá onde seu coração mandar**. Rio de Janeiro, Rocco, 2001. 136p.
- THOMPSON, P. **A voz do passado: história oral**. 3.ed. São Paulo, Paz e Terra, 1992. 385p.
- THOMPSON, P. Memória oral. In: Seminário Internacional: memória, rede e mudança social, São Paulo, 2003, Anais.
- THOMSON, A. Reconstituo a memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias. **Proj. História**, n.15, p.51-84, 1997.
- VERAS, R. **País jovem com cabelos brancos: a saúde do idoso no Brasil**. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1994. 224p.
- VERAS, R. (org). **Terceira Idade: alternativas para uma sociedade em transição**. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1999. 227p.
- YOW, V. Una cooperativa de mujeres artistas. In: História, Antropologia e Fuentes Orales. **Revista de Sociologia**, n.16, p.115-121, 1996. (Servei de Publicacions de la Universitat Autònoma de Barcelona).
- ZAMBIASI, J.L. **Lembranças de Velhos**. Chapecó, SC, Editora Grifos, 1997. 50p.